



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE HISTÓRIA

PRISCILA MOURA RIBEIRO

Juventude e Lugares de Sociabilidade na cidade de Picos (década de 1980).

PICOS-PI
2014

PRISCILA MOURA RIBEIRO

Juventude e Lugares de Sociabilidade na Cidade de Picos (década de 1980).

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

PICOS-PI
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

R484j Ribeiro, Priscila Moura
Juventude e lugares de sociabilidade na cidade de Picos
(década de 1980) / Priscila Moura Ribeiro. – 2014.
CD-ROM : il; 4 ¼ pol. (66 f.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof. MSc. Raimundo Nonato Lima dos Santos

1. Lazer. 2. Cidades. 3. Juventude. 4. Picos (1980). I. Título.

CDD 981 812 22

PRISCILA MOURA RIBEIRO

Juventude e Lugares de Sociabilidade na Cidade de Picos (década de 1980).

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

Monografia Aprovada em 07/01/2015



Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos – Orientador
Universidade Federal do Piauí – UFPI



Prof.^a Ms. Carla Silvino de Oliveira – Examinadora
Universidade Federal do Piauí – UFPI



Prof.^a Ms. Ana Paula Cantelli de Castro – Examinadora
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Ao meu Deus, em que tenho fé, por ter me concedido amparo necessário para conclusão desse trabalho.

À minha família que esteve indubitavelmente me apoiando com gesto de amor, carinho e paciência.

AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao final da pesquisa a emoção invade todo o meu coração, pois foram inúmeras as pessoas que contribuíram de maneira direta ou indireta para a construção e conclusão da presente pesquisa.

Sendo assim não poderia deixar de registrar alguns agradecimentos. Em primeiro lugar ao meu Deus, do qual sirvo, autor da minha história, que por seu dedo foi escrita esta monografia.

À minha família. Meu pai Lindomar que mesmo nas adversidades da vida acreditou em mim e não mediu esforços nos investimentos em estudos. À minha mãe Valdeti que mesmo não conhecendo o mundo das palavras escritas, me incentivou a lutar me mostrando que os desafios surgem para serem alcançados. Aos meus queridos irmãos Jonas e Sara pelo apoio nas horas de sufoco. Amo todos vocês.

A meu eterno namorado Fábio Diogo, meu amigo e companheiro que soube nos momentos de aflição ser meu porto seguro por meio de sábias palavras que me davam ânimo para continuar. Sabemos que não foi fácil vencer a distância, mas conseguimos, pois o nosso amor é maior que as adversidades da vida.

Ao meu pequeno Davi Lucas. A você filho, que foi a melhor dádiva que Deus me concedeu, foi em você que encontrei forças para continuar nessa caminhada.

Ao meu professor orientador Raimundo Nonato Lima dos Santos por fazer parte direta desse trabalho, por acreditar em mim, pela paciência e dedicação, por ter me ajudado a tirar as lentes embaçadas que impediam de ver a minha cidade, exemplo de profissional.

A todo corpo docente que compõem o curso de História que fizeram parte direta e indireta do meu crescimento intelectual nessa trajetória acadêmica.

À minha estimada amiga Bibiana, pessoa que admiro muito por sua determinação, por sua amizade sincera e ter compartilhado meus momentos de angústias.

Aos meus amigos “espiritados” de Francisco Santos, Paulo César e Crislane, vocês com sua alegria contagiante e carisma conseguiram me fazer sorrir nos momentos mais precisos.

A todos os meus amigos que conquistei no curso, em especial, Lívia, Laécio, Larice, Paulo Roberto, Tatiana, Verônica, obrigada pela grande amizade pelos momentos de cumplicidade e apoio incondicional.

Aos meus entrevistados, pela disponibilidade de tempo, e por me permitir compartilhar de suas lembranças, por abrirem as portas de suas casas e trabalhos para estarem confiando, fragmentos de suas vivências, que alguns momentos vinham em formas de risos e lágrimas.

Enfim, a todos que fizeram desse momento algo inesquecível, na minha jornada aqui na terra, recebam meus eternos agradecimentos.

RESUMO

O trabalho tem como objeto de estudo os lugares de lazer e sociabilidades da juventude picoense na década de 1980. Utilizando-se do método/técnica da História Oral se discute as experiências vividas por meio desses espaços, com intuito de perceber que a juventude é múltipla e sendo incapaz de totalizá-la. Além dos depoimentos orais foram utilizados dados do IBGE, sites, fotos, a Revista Foco e os jornais Voz de Picos e Jornal de Picos. O referencial teórico tem como base as reflexões de Raquel Rolnik, Sandra Pesavento e Michel de Certeau. A pesquisa indicou que a juventude possui várias formas de representação e foram através da memória dos lugares que buscamos analisar essa multiplicidade juvenil.

Palavras-chave: Lazer; Cidades; Picos; Juventude; Década de 1980.

ABSTRACT

The work has as object of study the leisure and sociability places of the picoense youth in the 1980s. Using the method/technical of Oral History is discussed the experiences through these spaces to realize that the youth is multiple and being unable to totalize it. Besides the oral testimony we used data from IBGE, websites, photos, the Foco magazine and the newspapers Voz de Picos and Jornal de Picos. The theoretical background is based on the reflections of Raquel Rolnik, Sandra Pesavento and Michel de Certeau. The research indicated that the youth has several forms of representation and were through the memory of the places that we analyze this juvenile multiplicity.

KEY-WORDS: Leisure; Towns; Picos; Youth; 1980s.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	Mapa político destacando a cidade de Picos	16
Imagem 02	Vista panorâmica da cidade de Picos mostra o aspecto montanhoso da, década de 1950.....	17
Imagem 03	Igreja Coração de Jesus, Centro da cidade de Picos, na década de 1940	18
Imagem 04	Colhedores de arroz no Rio Guaribas	21
Imagem 05	Praça Félix Pacheco na cidade de Picos, na década de 1940	23
Imagem 06	Vista panorâmica da Praça Félix Pacheco, na década 1960.....	25
Imagem 07	Vista panorâmica da Praça Félix Pacheco no ano de 2014.....	27
Imagem 08	Praça Félix Pacheco década de 1940, ao centro instalado o coreto	34
Imagem 09	Jovens e crianças na Praça Félix Pacheco próximo ao coreto, década 1940.....	35
Imagem 10	Praça Félix Pacheco, no Centro de Picos década de 1980	36
Imagem 11	Cine Spark na década de 1980	42
Imagem 12	Jovens no momento de socialização nas dependências do clube Cabos e Soldados em dias de tertúlias ano 1988	50
Imagem 13	Baile de formatura do Ensino Médio promovido pela Unidade Escolar Miguel Lidiano, no clube Cabos e Soldados ano 1985.....	51
Imagem 14	Time de futebol nas dependências do Centro Social Urbano, na década de 1980.....	54
Imagem 15	A Escola de Samba Iang da Portela recebendo o troféu de tricampeã ano1987.....	56
Imagem 16	Apresentação da Escola de Samba Iang da Portela, homenagem a Charles Chaplin ano de 1988	57
Imagem 17	Desfile da Escola de Samba Iang da Portela homenageando o índio ano de 1989.....	58
Imagem 18	Escola Iang da Portela no desfile pelas ruas de Picos ao som de batuques e passistas se apresentando ano de 1983.....	58
Imagem 19	Iang da Portela homenageando Lampião, na foto Luís Geraldino Carvalho fundador da mesma, ano de 1985.....	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. UMA CIDADE PARAR SER VIVIDA: A FORMAÇÃO DA CIDADE DE PICOS E SEUS LUGARES DE SOCIABILIDADE.....	15
1.1 A formação da cidade e seus lugares de sociabilidade.....	15
2. CHEGOU A HORA DA DIVERSÃO: UM CATÁLOGO SENTIMENTAL DOS LUGARES DE LAZER E SOCIABILIDADES JUVENIS DA CIDADE DE PICOS (DÉCADA DE 1980).....	29
2.1 A praça.....	33
2.2 A igreja	40
2.3 O cinema.....	42
2.4 Os clubes sociais.....	45
2.5 Boates	52
2.6 Projeto Rondon	53
2.7 Os carnavais de rua.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legitimidade dos outros, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. (CERTEAU, 1996, p.189).

Corroborando com o teórico Michel de Certeau a presente pesquisa buscou analisar a história através dos lugares se utilizando das memórias na tentativa de decifrar esse “quebra-cabeça” a partir das simbolizações. A história aqui narrada, analisada se dá a ler não por meio da dor, mas dos prazeres, ou seja, do lazer cidadão. Nesse sentido, foi por meio do estudo dos lugares de lazer e sociabilidades juvenis na cidade de Picos, na década de 1980 que se tornou possível o acesso a esse emaranhado de representações simbólicas, dessa parcela da sociedade.

Os anos 1980 foram marcados por grandes transformações no que diz respeito ao aspecto político e social, bem como destaque a parte cultural. O som da guitarra elétrica cada vez mais imponente invadia os estilos de músicas mais tocadas em toda parte do mundo. Em especial no Brasil que passou a adotar em seus repertórios as músicas mais agitadas com embalos dos instrumentos eletrônicos vibrantes acompanhados dos jogos de Luzes que iluminavam as discotecas com suas furta-cores dando magia as pistas de dança no Brasil a fora.

A forte influência da música internacional que explodiu no país se fez notória por meio dos eventos, do cinema, das tertúlias que atraíam a juventude a estarem vivenciando esses momentos. Época do *Dancin Days*, que permitiu a muito jovens compartilharem outros estilos de músicas e ritmos de danças que faziam a galera dançar solto. Onde novas significações concernentes aos locais de lazer e sociabilidade eram criadas e acompanhadas pelos jovens através dos meios de comunicação, em especial a televisão que por algum tempo com sua chegada substituiu as telas de cinema transferindo o lazer público para o lazer privado.

As novas tendências que emergiam nos anos oitenta fossem no contexto das artes ou da moda – com suas calças de cós alto, suas blusas exageradas no tamanho, cabelos curtos e volumosos e atitudes mais ousadas – se expressavam por meio dos comportamentos juvenis refletidos nos espaços da cidade. Essas expressões juvenis nos levaram a narrar/analisar parte das vivências desses agentes sociais, em espaços de sociabilidade da cidade de Picos na década de 1980. Esses fragmentos de vida foram captados por meio das memórias dos sujeitos

dos quais buscamos dar voz na presente pesquisa, como também das fontes imagéticas que registraram visualmente as vivências daquele período.

Para entender essas expressões juvenis primeiramente discutimos o conceito de juventude a partir dos estudos de Paulo Ricardo Muniz Silva (2013). Este historiador defende que não existe um conceito ou representação que seja capaz de definir o “ser jovem”, uma vez que isso implicaria numa forma de apreender sua totalidade. No entanto, o mesmo afirma que nós somos como “corpos cartográficos, por onde passam linhas direcionais, cortados por meridianos”, ou seja, somos formados por múltiplas identidades nas quais nos configuram como seres múltiplos de representações assim impossíveis de abarcar.

Todavia é possível apresentarmos fragmentos que correspondem a porcentagens significativas que revelam esse universo complexo da identidade juvenil.

Sabemos que as pesquisas sobre a criação do espaço da cidade vêm ganhando importância no campo historiográfico por pesquisadores que trabalham essa temática. Estudar a cidade como os lugares de lazer e sociabilidade, é uma discussão relevante para o campo acadêmico, pois viabiliza outras formas de abordagem histórica que nos proporciona compreender a formação da cidade e as práticas cotidianas por diversas vertentes que se mostram relevantes no momento da pesquisa. Sem deixar que se percam no tempo os passos do passado de sociedades que consumiram e experimentam os locais oferecidos pela cidade. Devido à intensa ação humana, o processo de modernização e urbanização das cidades ofuscam outras tantas cidades que se escondem no olhar leigo de um cidadão. Com a dinâmica desse processo urbanístico vão surgindo novas necessidades, que implicam na arte da convivência e da sociabilidade.

A pequena urbe Picos nos anos 1980 se encontrava em processo de transformação urbana nos aspectos físicos e sociais. Essas transformações promoveram novas formas de sociabilidades. Algumas delas fugidas até mesmo ao olhar mais atento de seus contemporâneos. Esse devir urbano nos levou a compartilhar das ideias do geógrafo Antonio Cardoso Façanha quando afirma que,

[...] Entender a cidade, ou melhor, tentar entendê-la, é buscar, através de diferentes níveis de interpretação, a compreensão de uma realidade em movimento, e sempre fugaz aos olhos de quem procura respostas de uma organização social concreta e palpável. (FAÇANHA, 1998, p.43).

Nesse sentido o trabalho teve como proposta principal, fazer um levantamento dos espaços mais assíduos dos jovens da cidade de Picos, na década de 1980, bem como descrever e analisar as práticas de sociabilidade e lazer que eram ali desenvolvidas.

A justificativa de trabalhar tal tema partiu de conversas informais que tivemos com pais e amigos que falavam com bastante saudosismo dos tempos juvenis, das discotecas, dos namoros nas praças e clubes. Esse conhecimento empírico foi somado ao momento em que cursamos a disciplina *Cidades e História* – do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, ministrada pelo professor Raimundo Nonato Lima dos Santos – que nos proporcionou ver as cidades sobre diversos aspectos, que nos permitiu compreender a necessidade emergente de conhecermos o local onde vivemos e reproduzimos nossas práticas cotidianas.

As inúmeras possibilidades de estudo no campo temático *história das cidades* são resultantes de trabalhos intensos e constantes de teóricos e pesquisadores, alguns deles dos quais estabelecemos diálogo, tais como Raquel Ronik (1995) que aborda de forma particular o conceito de cidades acreditando que seja como uma espécie de “ímã” que atrai e aglomera pessoas a dividir os mesmos espaços. Já para se entender que esses espaços da cidade são fragmentados e ao mesmo tempo articulados entre si fizemos uso da abordagem do geógrafo Roberto Lobato Corrêa (2000) que de maneira significativa contribuiu para entendermos alguns espaços de lazer da cidade de Picos. Todavia, também discutimos brevemente o contexto do processo de modernização que atua nas cidades por meio das reflexões do antropólogo Marc Augé que discorre sobre a produção de “não lugares”, ou seja, um espaço onde não há interação do indivíduo, assim não há produção de memória dos lugares.

O trabalho se baseia ainda nas obras referenciais dos autores Maria da Conceição Silva Albano e Silva Albano (2011) e Renato Duarte (1995), onde os pesquisadores nos seus trabalhos realizaram um estudo da formação histórica de Picos.

Outra obra referencial foi o trabalho da autora Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira (2011), que abordou os sentimentos de alguns cidadãos picoenses que viveram os anos 1960 para descrever sobre as relações desses com os lugares de lazer da cidade de Picos (PI). Portanto, se aproximando um pouco da temática de nosso trabalho.

Além das obras referenciais a nossa pesquisa fez uso de diferentes fontes históricas como censos do IBGE, fotos, sites, revistas (Revista FOCO), jornais (Jornal de Picos e Voz de Picos) e, principalmente, depoimentos orais de pessoas que fizeram parte do cenário cotidiano da cidade de Picos na década de 1980.

Contribuíram para essa pesquisa, sete entrevistados, sendo eles Adalícia Luzia de Oliveira Ribeiro, José Albuquerque, Maria Caitana Neta, Luís Geraldino Carvalho, Valdemir de Sousa Martins, Sebastiana Oliveira Lima e Lindomar Texeira de Moura. A escolha pelos depoentes corresponde aos critérios básicos estabelecidos pela presente pesquisa que se volta para as pessoas que viveram na cidade no começo dos anos oitenta, no período aqui trabalhado. Outro critério foi ter idade mínima que na época correspondia a 15 anos de idade, por entender que é nessa fase, segundo o conceito do IBGE, que o indivíduo adquiriu mais espaço e liberdade.

O trabalho está dividido em duas partes. No primeiro capítulo que tem por título **“Uma cidade para ser vivida: a formação da cidade de Picos e seus lugares de sociabilidade”** recorreremos a livros referenciais sobre a cidade de Picos que nos auxiliaram a discutir o seu processo constante de urbanização, bem como catalogar os lugares que foram marcos importantes no que se refere aos espaços de lazer e sociabilidade juvenil, mostrando por meio desses, uma cidade sonhada e desejada por todos os que viveram os anos 1980, perpassando por lugares de memórias e lugares imaginários.

Já no segundo capítulo que tem por título **“Chegou a hora da diversão: Um catálogo sentimental dos lugares de lazer e sociabilidade juvenis da cidade de Picos (década de 1980)”** tem por finalidade apresentar e discutir esses locais de encontros que serviram de inspiração para muitos jovens namorarem, conversar com os amigos, brincar enfim exercer suas práticas de sociabilidades por meio do lazer, e assim estaremos conhecendo uma parte desse fragmento da juventude dos anos oitenta.

CAPÍTULO 1: UMA CIDADE PARA SER VIVIDA: A FORMAÇÃO DA CIDADE DE PICOS E SEUS LUGARES DE SOCIABILIDADE.

No presente capítulo discutimos inicialmente o contexto de formação histórico e geográfico da cidade de Picos. Abordamos os aspectos rurais e o processo de urbanização da referida cidade com o intuito de perceber os momentos em que o *ethos* rural e o *ethos* urbano se misturavam e se confundiam, atribuindo-lhe um caráter provinciano que perdurou até os anos 1980. Depois analisamos alguns *lugares* que outrora eram considerados importantes para seus contemporâneos, principalmente os jovens – onde praticavam suas sociabilidades resultando em *lugares de memória*.

1.1 A formação da cidade e seus lugares de sociabilidade

No contexto físico geográfico, a cidade de Picos, corresponde aproximadamente a uma área de 534.715km², em que abrange uma população de 73.414 habitantes e localiza-se a 316 quilômetros da capital Teresina (IBGE, 2010). A urbe Picos é conhecida como a capital do mel por ter se transformado em um dos maiores produtores de mel do Brasil, possui um dos maiores entroncamentos rodoviários do nordeste, devido ser cortada por algumas rodovias estaduais e federais, são elas a BR-316 ou Rodovia transamazônica, a BR-407, também a BR-230 e fica muito próxima à BR-020.

Esse entroncamento rodoviário permite que a cidade de Picos receba diariamente um contingente populacional intenso que utilizam suas vias de acesso rodoviário, com o objetivo de descolamento a outras regiões interligadas. Ao mesmo tempo em que proporciona a cidade de Picos, uma imensa movimentação nos diversos setores, em especial ao mercado local com trocas e escoamentos de mercadorias. Nesse sentido o entroncamento rodoviário que a cidade de Picos possui, pode ser analisado como uma espécie de ímã que atrai e aglomera pessoas, ideia trabalhada pela urbanista Raquel Rolnik (2014).

A cidade de Picos situa-se na Região Centro-Sul do Piauí, dispõem de uma microrregião dividida em 20 municípios sendo a mais desenvolvida da região e com o segundo maior PIB do Estado do Piauí ultrapassando regiões fiscais de cidades como Parnaíba e Campo Maior juntas, estando ao lado somente da capital Teresina. Limita-se, ao Norte, com os municípios de Sussupara, Santana do Piauí e Santo Antônio de Lisboa; ao Sul, com Itainópolis; ao Leste, com o município de Geminiano e a Oeste, com os municípios de Dom Expedito Lopes e Paquetá, segundo informações registradas no IBGE (2010).

Esse destaque econômico que a cidade de Picos possui, que atrelado a outros fatores de destaques tais como saúde e educação permitem explicar toda essa efervescência populacional que proporciona dinâmica à cidade. Assim, a mesma adquiriu características de referencial para as demais urbes que fazem parte da sua microrregião, entre elas encontram-se os municípios de Sussuapara, Geminiano, Francisco Santos, Jaicós, Padre-Marcos entre outras cidades.

A imagem identifica a localização geográfica da cidade de Picos, em relação às demais cidades que compõem o território piauiense.



Imagem 1: Mapa Político do Piauí destacando a cidade de Picos.

Fonte: http://www.google.com.br/imgres?sa=X&biw=1366&bih=667&tbn=isch&tbnid=OP4RQSoWl_VVM%3A&imgrefurl=http%3A%2F%2Fwww.diariovip.com%2Fmapa-do-piaui-. Acesso em 13/11/2014.

Ainda concernente ao aspecto físico, possui um clima quente, com vegetação de transição entre o cerrado e caatinga, banhada pelo rio Guaribas, patrimônio cultural, que hoje quase não existe mais devido à intensa ação desmedida do homem. A cidade de Picos possui esse nome, por situar-se numa localidade com aspecto montanhoso cercado por montes picosos, como pode ser percebida na imagem a seguir (figura 2).

No entanto, apesar do aspecto montanhoso é apta para a prática da agricultura principal atividade econômica (até a década de 1980) em “tempos primórdios”, devido dispor de solos férteis.



Imagem 2: Vista panorâmica da cidade de Picos mostra o aspecto montanhoso, década de 1950.

Fonte: Acervo e memória picoense. In: https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPico_ense/photos_stream
Acesso em 21/07/2014.

Fazendo análise da imagem acima é possível perceber as cadeias de picos, envolta da cidade na qual deram o nome à mesma. Erguidos pela natureza, as cadeias de montanhas se revelam como uma espécie de muralha dando a impressão de fortaleza da urbe Picos.

Segundo dados do IBGE (2010) a urbe Picos teve como um dos seus *começos* – ideia trabalhada por Michel Foucault (2012) que defende a teoria dos começos e não origens – a chegada do português Félix Borges Leal, vindo da Bahia, no século XVIII. Este se instalou no local, que foi denominado de Fazenda Curralinho, na qual se situava às margens do rio Guaribas que anos mais tarde foram se instalando vários parentes de Borges Leal dando início ao núcleo populacional que permitiu o nascimento da cidade.

Percebemos que esse processo de povoamento foi muito semelhante aos de várias cidades piauienses, através de fazendas. A urbanista Raquel Rolnik já mencionada anteriormente, ao trabalhar a temática de cidades afirma que “a cidade é antes de qualquer coisa um ímã, antes mesmo de se torna local permanente de trabalho e moradia” (RONILK, 2004, p.13), ou seja, a cidade é como um ímã que atrai, reúne e aglomera pessoas organizadas em um espaço geográfico, que possui administração própria, em que a mesma qualifica algumas forças capazes de contribuir para a formação das cidades. Nesse caso a Fazenda Curralinho, da família do português Félix Borges Leal, surgiu como essa força atrativa indispensável para viabilizar a formação dos primeiros moradores da pequena urbe.

No ano de 1828, por iniciativa dos descendentes de Félix Borges Leal, foi construída a primeira capela que recebeu inicialmente o nome de São José, que logo depois ficou denominada de Sagrado Coração de Jesus que se tornou símbolo de fé e devoção nos

primeiros passos tímidos que Picos dava rumo à sua instalação efetiva como cidade que abrigaria muitos picoenses.



Imagem 3: Igreja Sagrado Coração de Jesus, Centro da Cidade de Picos, na década de 1940.

Fonte: Acervo e memória picoense. In: https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos_stream
Acesso em 21/07/2014.

De acordo com a imagem acima, a Igreja Sagrado Coração de Jesus – atualmente reconhecida como patrimônio histórico da cidade – se constituía como um lugar propício para as sociabilidades entre jovens, velhos e crianças quando estavam exercendo suas práticas religiosas.

No que diz respeito ao desenvolvimento da cidade de Picos, tal fato ocorreu de forma rápida, uma vez que foi elevada à categoria de Freguesia (quando era ainda um povoado) no ano de 1851, tendo seu território desmembrado de Oeiras (nesse período capital do Piauí). Foi elevada à categoria de Vila no ano de 1855 e, por fim, adquiriu no ano de 1860 a categoria de cidade (IBGE, 2010).

No entanto, partindo da concepção que foi exposta anteriormente sobre a ideia de *começos* e não *origens* – uma vez que essa última terminologia nos condiciona a pensar em algo essencial e único – existem várias especulações que divergem em torno da data de elevação à categoria de cidade dessa urbe, por parte dos estudiosos interessados na história de Picos. A pesquisadora Maria Alveni Barros Vieira (2005), por exemplo, concluiu que a cidade recebeu essa categoria em meados dos anos 1890. Ela afirma ainda que o processo de

urbanização se fez de maneira tímida, que por muito tempo repercutiu os aspectos de comunidade rural mediante o trabalho na roça uma vez que era considerada a principal atividade econômica da cidade na época. Isso pode ser atribuído devido aos solos férteis favoráveis à agricultura e às pastagens.

Devido a esses solos férteis a cidade de Picos foi considerada um dos principais centros agrícolas do Estado do Piauí, recebendo o título de *Município Modelo do Piauí*, em meados dos anos de 1966, pelo órgão INDA (Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário). A fertilização de suas terras era atribuída por serem cortada pelos rios Guaribas, Riachão e Itaim, cujas vazantes constituíam fator importante na agricultura de alho, algodão, feijão, milho, cebola plantadas no leito dos rios. Os principais centros compradores atraídos pelos produtos agrícolas que o município oferecia eram Pernambuco e Bahia que acabavam por instalar residências na região o que contribuiu significativamente para o crescimento do aglomerado urbano.

Vale ainda ressaltar que a pecuária se fez notória como segunda fonte econômica local, cuja ação efetiva foi registrada, em 1956, representada pelos seguintes dados: 46.500 bovinos, 75.000 suínos, 54.000 ovinos e 70.000 caprinos. A exportação de gado do município era feita para as localidades de Caruaru e Recife, no estado do Pernambuco. Em meados dos anos 1950, segundo o censo demográfico desse período, a população localizava-se preferencialmente na zona rural com dados registrados aproximadamente de 50.145 habitantes em detrimento de 4.568 morando na cidade, com isso percebe-se que 92% da população localizavam-se na zona rural e apenas 8% do restante era distribuída na zona urbana da cidade, de acordo com informações coletadas na Enciclopédia particular do IBGE (1990).

Partindo dessa divisão e aproximação entre o espaço rural e o urbano, a autora Samara Mendes Araújo Silva (2014) faz uma abordagem sobre os aspectos presentes nas práticas da arte de se alimentar do sertanejo procurando apresentar traços da cultural material e imaterial sertaneja nas casas piauienses em fins do século XX. Essa abordagem nos propicia um olhar particular sobre as fazendas no sentido de vê-las não apenas como núcleo econômico, mas também habitacional que, ao longo do tempo, conjugavam as funções sociais, políticas e culturais das cidades piauienses. Isto é, havia constantes relações entre os habitantes das fazendas e os que residiam na sede urbana dos municípios. Portanto, os hábitos rurais eram levados à zona urbana num processo que perdurou até o final do século XX e começo do XXI.

Essas interações entre o campo e a cidade são analisadas por Samara Mendes Silva (2014) a partir de configurações sociais como “a manutenção da centralidade do grupo familiar e união deste” que em síntese aborda a questão do núcleo familiar piauiense sendo

possível traçar significados, práticas e hábitos que estão atreladas ao indivíduo por toda sua existência. Outro ponto analisado por Samara Mendes Araújo Silva (2014) é a “manutenção da importância do lugar social *casa* e dentro deste a centralidade da *cozinha*” abordando práticas vinculadas ao lugar social que a *casa* representa para o cotidiano familiar piauiense, permitindo-se perceber a divisão/construção social dos espaços atribuídos à casa de forma bem definida em que a *cozinha* assume uma importância ímpar dentro do espaço social da casa.

Assim, nos conduzindo a observar como as rupturas e permanências do meio rural se misturam ao meio urbano – entre esses sujeitos sociais, mediante suas práticas da alimentação ainda presentes no Piauí – Samara Mendes Araújo Silva nos explica que,

[...] A ruralidade faz parte da realidade piauiense desde a formação da Capitania (séc. XVI) e mesmo na contemporaneidade (séc. XXI), as interfaces e interferências se perpetuaram no contexto citadino. Tal situação é de tal modo evidente que se pode afirmar que o Piauí permanece imiscuído em sua realidade sócio-histórica e cultural, os preceitos, comportamentos e normatizações originárias (resguardadas as devidas proporções e ajustes temporais) do espaço rural. (SILVA, 2014, p.190).

Além de pensarmos a cidade de Picos, na década de 1980, como palco das interações entre os hábitos rurais e urbanos, também a concebemos como um espaço fragmentado e articulado, no qual se fazem usos diferentes da terra. Sendo que esse espaço foi consumido e produzido por meio dos agentes espaciais que têm ações complexas que levaram a um constante processo de reorganização espacial. Esses agentes, qualificados pelo geógrafo Roberto Lobato Corrêa (2000), promovem a integração dos espaços, isto porque:

[...] As relações espaciais integram, ainda que diferentemente, as diversas partes da cidade, unindo-as em um conjunto articulado cujo núcleo de articulação tem sido, tradicionalmente, o centro da cidade. Este é o segundo momento de apreensão do que é o espaço urbano: fragmentado e articulado (CORRÊA, 2000, p.8).

De acordo com a citação acima a cidade então se constitui como o complexo conjunto de usos da terra, que participa da reprodução de um estilo de vida. Pensando nisso se faz necessário abordarmos o processo de urbanização da cidade de Picos que em meados da década de 1950 era considerada predominantemente rural por abrigar a maior parte de seus cidadãos nas zonas periféricas da cidade. O rio Guaribas, nesse período foi o principal instrumento propiciador para a fertilidade do solo picoense, com isso, dinamizou a prática da

agricultura exercida em seu leito, se tornando uma importante atividade econômica que junto aos olhos d'água ofereciam água potável em abundância para a população, além de servir também como ponto de lazer e sociabilidade entre crianças e jovens que iam à busca de diversão. Abaixo segue a imagem da prática de agricultura na cidade de Picos, por mulheres coletando arroz.



Imagem 4: Colhedores de arroz no Rio Guaribas.

Fonte: Acervo e memória picoense. In: https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos_stream
Acesso em 21/07/2014.

Eram muito comuns mulheres, mães de família em sua maioria, deixarem seus serviços domésticos e junto de seus filhos se locomoviam até as margens do rio Guaribas, para o plantio, uma vez, que era o rio o principal condutor de acesso à prática da agricultura, que se apresentava na década de 1950 e 1960 como uma das atividades econômicas mais importantes da cidade, em que detinha de grandes plantações, na qual se destacou a do alho, devido a isso, Picos, ficou conhecido como a terra do alho, que por muito tempo assegurou o sustento das famílias que plantavam no leito do rio Guaribas. Essa prática de agricultura foi relatada pelo depoente José de Aquino Dantas, mais conhecido como Zé do Alho¹ (2014), da seguinte forma:

Naqueles anos de 50,60 e 70 era época que o alho tinha grande valor. Todos iam plantar muito felizes, pois sabiam que o alho abastecia muitas famílias

¹ José de Aquino Dantas nasceu na cidade de Picos no ano de 1941. Plantou por muito tempo alho no leito do rio Guaribas. Devido a isso ficou conhecido na cidade por Zé do Alho é como o iremos mencionar. Atualmente é proprietário de uma sorveteria que tem por nome Zé do Alho. *Depoimento concedido a Priscila Moura Ribeiro*. Picos 2014.

[...] O pobre que não tinha estudo e nem cultura, ali era uma coisa boa, no mês de maio, junho e julho era a época de plantar ai passava agosto e setembro em outubro começava a plantar de novo. Era uma alegria as casas de família enchia de gente, se fazia festa, desejavam palavras boas para o plantio. Há... todo mundo tinha amizade as crianças iam crescendo naquele meio da plantação, apesar das dificuldades da vida agente era feliz, plantava e cantava ao mesmo tempo, sai pulando de alegria quando o alho tava grande e bonito, sinto tanta saudades desse tempo que tenho vontade até de chorar[...] Todos trabalhavam as mulheres estavam no meio da plantação tirando os dentes de alho, limpando os canteiros, aguando, ajudando seus maridos no sustento da casa, ninguém tinha preocupação com casa não tínhamos grandes ambições, tinha preocupação em comer, as crianças quando as mães iam pro rio acompanhavam elas, umas pra ajudar outra iam brincar, isso ia passando de geração pra geração, o rio de segunda a sábado era uma festa. (ALHO, 2014).

Ainda segundo esse fragmento da memória do depoente Zé do Alho, o rio Guaribas não representava apenas um espaço para o plantio de subsistência, mas também se configurava como lugar de sociabilidades onde relações de amizades e trabalhos iam sendo tecidas.

Desse modo a cidade também era vista por um ângulo de aspecto pacato, timidamente movimentado em decorrência da feira que logo se constituiu como marco importante no desenvolvimento econômico da urbe atraindo pessoas da zona rural e da microrregião próximas a sua localidade tornando-se um referencial econômico. Assim, o cenário ia se modificando num ritmo lento, mas que já anunciavam profundas mudanças no aspecto físico da cidade que acarretariam grandes mudanças no modo de viver dos cidadãos na década de 1960, como afirma a historiadora Karla Ingrid Pinheiro Oliveira:

A cidade durante esse período, ainda não era muito desenvolvida, possuía um comércio incipiente e poucas residências [...]. O crescimento de Picos foi alterando o cenário verde. Construções de casas e comércios substituíram os cajueiros, marmeleiros e jenipapeiros espalhados pela cidade. Aos poucos, já na década de 1960 os espaços começaram a ser modificados para atender às necessidades da cidade que estavam em crescimento e que possuía muitos jovens sedentos por espaços diferentes que se configurassem em novas formas de diversão. (OLIVEIRA, 2011, p.21).

Percebemos que a cidade ia dando os seus primeiros passos rumo ao processo de urbanização que mudaria consideravelmente o perfil da cidade e de seus moradores. Assim, seus sujeitos iam escrevendo e reescrevendo a cidade por meio de suas caminhadas, que os conduziam a praticar esses espaços vivenciando-os e que posteriormente se tornariam um lugar para eles. Essa perspectiva partiu do autor Michel de Certeau (2008) no qual, afirma que nossos passos são como palavras escritas em movimento, ou seja, somos autores de nossa cidade como também sujeitos ordinários que subvertem a ordem que se utiliza de táticas para

caminhar de diferentes maneiras, usando de diversos modos a cidade. Ressaltamos que o termo *lugar*, para Michel de Certeau (2008), é o espaço praticado, ou seja, é o lugar vivenciado através de experiências produzidas pelo sujeito.

O advento do fenômeno de urbanização possibilitou que a cidade se estruturasse de forma a acolher melhor os seus cidadãos, oferecendo-lhes até mesmo espaços para que fossem praticados as suas sociabilidades e práticas de lazer urbano. Nos períodos das décadas de 1940 a 1950 a **Praça Felix Pacheco** começou a ser projetada e construída sob administração do então prefeito Adalberto de Moura Santos (1938-1945), conhecido como o Bertinho. A Praça se tornou um marco histórico desse período, passando a ser o único jardim público da cidade do qual viabilizou espaços de socialização e lazer para aqueles que a praticavam. A imagem a seguir mostra a Praça Felix Pacheco nos referidos anos 1940, podendo-se perceber o singelo espaço de tranquilidade que a praça oferecia nesse período.

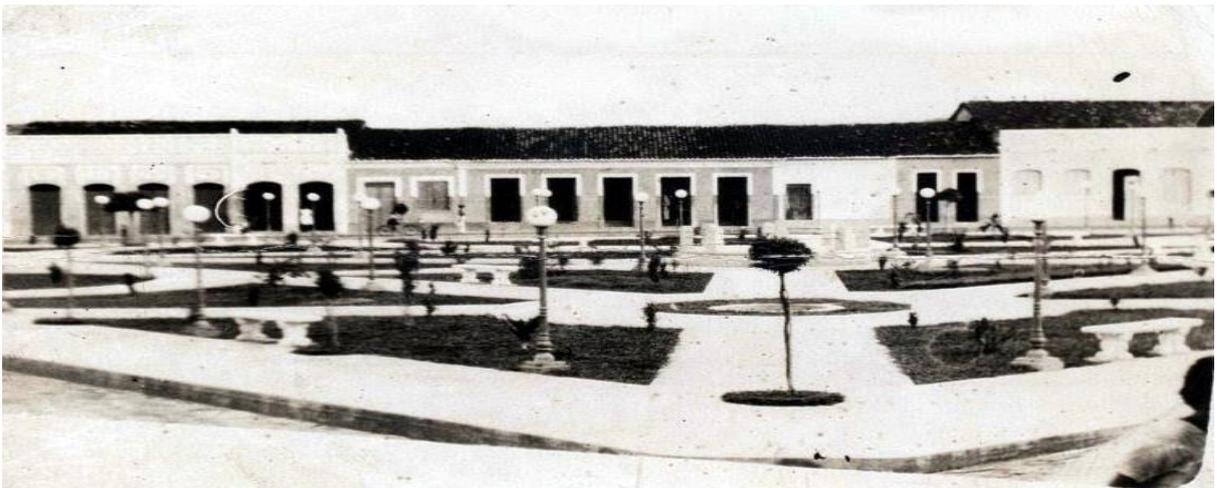


Imagem 5: Praça Félix Pacheco da cidade de Picos, na década de 1940.

Fonte: Acervo e memória de picoense. In: https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos_stream Acesso em 21/07/2014.

Compartilhando da ideia de que cidade é constituída não apenas pela materialidade, produção do homem, mas também de sensibilidade e de sociabilidade, como a autora Sandra Jatahy Pesavento postula:

Mas a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de intervenção e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram a ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. [...] cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é indispensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais. (PESAVENTO, 2007 p.14).

Pensando por esse véis, podemos assimilar que os elementos que constituem as relações de sociabilidade, entre as pessoas, são baseados em grande parte pelos sentimentos que resultam em experiências vividas.

A pesquisadora Lídia Pimentel (1998) também concebe sociabilidade acreditando que faz parte do processo de desenvolvimento do indivíduo, ou seja, “Sociabilidade é um fenômeno de deriva do ato de reunir-se socialmente, estar com outro, para com o outro que, através do veículo dos impulsos e propósitos, forma e desenvolve conteúdos e interesses materiais ou subjetivos [...]” (PIMENTEL, 1998, p.46).

Com isso percebemos que o indivíduo em meio à sociedade sente a necessidade de estar junto do outro, através de suas práticas cotidianas, mantendo laços afetivos ou não, no qual contribui para o desenvolvimento enquanto ser social. A Praça Felix Pacheco nos anos 1980 se tornou esse reduto oferecendo espaço para a prática social e lazer aos cidadãos da pequena urbe Picos que se mostrava cada vez mais apta para o processo de urbanização.

Nesse sentido o lugar da praça, já desde os anos 1960 e perdurando até a década de 1980, oferecia esse ambiente de lazer e sociabilidade aos seus cidadãos picoenses. Ao mesmo tempo em que se configurava o lugar da praça numa extensão das casas de grande parte dos jovens de Picos, que viam esse local propício para estabelecer relações de namoro e amizade ou simplesmente para flertar. Sobre esse ambiente de sociabilidades da Praça Félix Pacheco nos anos sessenta a autora Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira explica que,

[...] A Praça Félix Pacheco, nesse sentido, era um campo de atração dos jovens no espaço da cidade. Era nela onde se experimentavam grande parte das práticas juvenis, desde o encontro com os amigos aos namoros nos bancos da praça. A cidade nos anos sessenta tinha a praça como seu ponto principal de sociabilidades. Uma praça de formato triangular, com um enorme jardim, que apresentava desde floridas roseiras e plantas rasteiras, a árvores de grande porte como carnaubais, que se balançavam no encontro com o vento. Os bancos ficavam ao lado dessa vegetação, proporcionando aos seus frequentadores uma sensação de ar puro e um maior contato com a natureza. (OLIVEIRA, 2011, p.31).

A referida praça dos anos sessenta, analisada por Karla Íngrid Pinheiro Oliveira nos revela um lugar de múltiplos significados que não apenas se resumia a um lugar de encontro de namorados e amigos, mas também um local de contato mais próximo do homem com a natureza uma presença do *ethos* rural manifestada na prática urbana.

Algo nesse sentido ainda ocorria na Praça Félix Pacheco nos anos oitenta. Revelava também esse lugar de aconchego propício para o consumo das práticas de lazer e sociabilidades, muito procurada e vivenciada, por parte dos cidadãos, em especial a

juventude, da pequena urbe Picos, ainda considerada o grande ponto de atração desses sujeitos sociais.

No entanto, com o passar do tempo a praça e seu arredor, foram se modificando (se comparada a imagem 5 que remete a sua inauguração) junto ao processo de urbanização que invadia as cidades, remodelando-a e atribuindo-lhes novos espaços de consumo. Na imagem a seguir mostra o aspecto estrutural da praça nos anos sessenta, que diante das permanências nos revela alguns lugares assíduos dos jovens sendo esses locais ainda nos anos oitenta bastante consumidos pelos mesmos, como é o caso do *Abrigo*,² um prédio situado no interior da praça e em frente ao antigo cinema *Cine Spark*.³



Imagem 6: Vista panorâmica da Praça Félix Pacheco década 1960.

Fonte: Acervo e memória de picoense. In: https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos_stream Acesso em 15/11/2014.

Entretanto, analisando a imagem acima, percebemos que o Abrigo não faz mais parte do cenário atual da praça. Assim, a imagem revela alguns “fantasmas do passado”, ideia trabalhada por Michel de Certeau (2008) de lugares que outrora foram praticados e que agora persistem em apenas sobreviver por meio das memórias de quem os praticava principalmente a juventude que buscava constantemente meios de se divertir, de se socializar. Certeau explica

² 1.Lugar que abriga; 2.Agasalho que protege do mau tempo; 3.Cobertura, teto. Figurado: amparo, proteção. Decerto recebia esse nome por ser um local que acolhe os sujeitos. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar; o minidicionário da Língua Portuguesa* 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

³ Atualmente o prédio do cinema ainda existe e funciona uma Igreja Evangélica no seu local. Alguns de seus equipamentos estão exposto no Museu Ozildo Albano.

que esses “fantasmas do passado” (no nosso caso o Abrigo da Praça Félix Pacheco e também o cinema Cine Spark que não aparece na imagem) são:

[...] objetos selvagens, provenientes de passados indecifráveis, são para nós o equivalente do que eram alguns deuses da Antiguidade, os “espíritos” do lugar. Como seus ancestrais divinos, eles têm papéis papéis de atores na cidade não por causa do que fazem ou do que dizem, mas porque sua estranheza é muda e sua existência subtraída da atualidade [...]. (CERTEAU, 2008, p.192).

Mediante o processo de modernização que condiciona as cidades a desfazer-se de certos lugares dando espaços para a construção de outros lugares em nome do progresso que acarreta o sobrenome de urbanização, o autor Marshall Berman (1986) faz severas críticas mostrando profunda indignação a esse processo que destrói lugares de memória e constrói lugares “sem vida”. Marshall Berman utiliza-se da própria experiência ao se deparar com as profundas mudanças ocasionadas junto a modernização que a cidade de Nova York, mais precisamente no Bairro Bronx que vinha ocorrendo para a estruturação da Via Expressa, do qual viveu parte da sua infância em que residia e interagia com os espaços oferecidos por seu bairro, passando outrora virarem ruínas devido a esse progresso.

[...] Posso recordar-me parado acima do canteiro de obras da Via Expressa do Bronx, lamentando pelos meus vizinhos (cujo destino eu antevia com precisão de pesadelo), jurando revanche, porém ao mesmo tempo me debatendo com algumas das inquietantes ambiguidades e contradições que a obra de Moses expressava. [...] Enquanto via um dos mais grandiosos desses edifícios vir abaixo para dar passagem à estrada, senti um pesar que, hoje posso ver, é endêmico à vida moderna. Com demasiada frequência, o preço da modernidade cresce em constante avanço é a destruição não apenas das instituições e ambientes “tradicionais” e “pré-modernos”, mas também e aqui está a verdadeira tragédia de tudo o que há de mais vital e belo no próprio mundo moderno. [...] (BERMAN, 1986, p.331).

Reforçando ainda mais o pensamento de Marshall Berman colocado acima, que nos propõe a pensar sobre o ônus resultante do fenômeno de urbanização e modernização, o mesmo trabalha Marc Augé (2012), nos alertando a perceber, no contexto da supermodernidade (na qual resulta da reprodução de *não lugares*, ou seja, locais que não são vivenciados e nem experimentados pelo indivíduo, não interagem com os mesmos e assim não reproduzem memórias). Entre essas reproduções de não lugares na modernidade, podemos pensar uma via movimentada com um grande fluxo de carros, projetada de maneira que permite apenas passagens de veículos automotivos fazendo desse local um *não lugar*.

Esse local se constitui como não lugar porque não é praticado pelo indivíduo, sendo apenas de passagem, não havendo nenhum tipo de ligação que permita a interação do indivíduo e da coletividade (CERTEAU, 2008). Assim, Marc Augé (2012) afirma sobre os não lugares:

[...] Se um lugar se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, reportados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico [...]. (AUGÉ, 2012 p.72).

Nesse sentido a Praça Félix Pacheco situada no Bairro Centro de Picos, com o advento do processo de urbanização que invadiam as cidades, no decorrer do tempo passou por profundas mudanças estruturais como também de (re)significação nos quais, em dias atuais não expressa a ideia de *lugar*, segundo o pensamento de Certeau e também de Augé.

Para entendermos melhor a ideia aqui trabalha sobre o lugar que a praça hoje representa se faz necessário lembrar que diferente do que ocorria nos anos oitenta como um lugar considerado atrativo para as práticas de lazer e sociabilidades antes vivenciadas. A praça agora passa a ser vista apenas como um lugar de passagem superficial quase isenta de qualquer tipo de vínculo afetivo, para muitos cidadãos.



Imagem 7: Vista panorâmica da Praça Félix Pacheco no ano de 2014.

Fonte: Acervo particular de Priscila Moura Ribeiro.

A partir da análise feita sobre a imagem acima a praça se apresenta de maneira diferente da dos anos oitenta, mudanças provocadas em nome do processo de urbanização. São notórios os sinais de transformação estrutural. Com muitas lojas ao seu redor, com grande fluxo de carros disputando mais o seu espaço do que os cidadãos e no seu espaço interno a presença de várias barracas entre a sua maioria de lanches com a finalidade comercial, atribuindo-lhe aspecto predominantemente comercial servindo de apoio a essa prática urbana. Assim, aquele lugar de aconchego e calma vividos nos referidos anos oitenta pela juventude, lugar propício para seus encontros amorosos e entre amigos foram substituídos pela agitação da cidade moderna.

Entretanto, diante das abordagens sobre a cidade de Picos, nos anos oitenta se mostrava apta para as práticas de lazer e sociabilidades de lugares que se fizeram presentes na memória de grande parte da juventude picoense que consumiram alguns lugares oferecidos pela urbe. Na tentativa de atender suas sedes de diversão os jovens procuravam por locais que proporcionassem momentos de descontração entre amigos e namoros configurando assim, lugares de prazer social.

CAPÍTULO 2: CHEGOU A HORA DA DIVERSÃO: UM CATÁLOGO SENTIMENTAL DOS LUGARES DE LAZER E SOCIABILIDADES JUVENIS NA CIDADE DE PICOS (DÉCADA DE 1980).

Neste capítulo analisamos um fragmento da juventude que vivenciou a cidade de Picos nos anos 1980. Através da história dos lugares, por meio das memórias, buscamos discutir algumas experiências vividas por uma parcela simbólica da juventude picoense em meio a seus prazeres citadinos.

Tomamos como base de análise as práticas de lazer, cultura e sociabilidade desses sujeitos urbanos e os níveis sociais dessa parcela da sociedade picoense. Esses jovens buscavam descobrir a urbe, reinventando seu cotidiano. Mediante essas vivências, perpassando por caminhos da memória, selecionamos algumas pessoas que atendiam os critérios básicos que se fizeram necessários estabelecerem para uma melhor percepção e delimitação do trabalho. Esses critérios correspondem principalmente a: ter vivido e morado na cidade de Picos que engloba o aspecto urbano, no período correspondente aos anos 1980; e segundo, ter idade mínima para o procedimento metodológico de entrevistas, adotado por esta pesquisa, de 49 anos que remete ao um indivíduo com idade de 15 anos, nascido em meados da década de 1960 tomando como referencial a perspectiva adota pelo censo do IBGE, por compreender que o indivíduo nessa faixa etária de transição entre adolescência e a vida adulta se permite a certa “liberdade” que o condiciona a descobrir sua individualidade através de suas experiências em meio à sociedade que o cerca.

Na tentativa de identificar esse fragmento social (os jovens), por meio de suas práticas afetivas de lazer e sociabilidade ao consumirem os espaços oferecidos pela a urbe, nos levou a refletir que a juventude em sua essência é composta de complexidades e possibilidades de representação acreditando-se que seja múltipla, tornando-a incapaz de totalizá-la.

Portanto, como fora dito inicialmente não pretendemos dar uma identidade a juventude, mas sim procuramos abordar as possíveis formas de representação de uma parte dos jovens, por acreditarmos que estes são múltiplos, sendo impossível de apreendê-los em sua totalidade. Assim, o que se conseguiu foi apenas visões a partir de um referencial.

Compartilhamos das ideias de Paulo Ricardo Muniz Silva (2013) quando afirma que o sujeito contemporâneo é formado por várias identidades, que Deleuze e Guatarri vão chamar de “corpos cartográficos” ao dizer que somos formados por, ou melhor, atravessados por linhas, meridianos e fusos resultando numa complexidade multidentitária.

Para darmos continuidade a pesquisa se faz necessário primeiramente tentar conceituar o termo juventude adotando dois vieses básicos de análise, em que um está ligado a faixa etária, voltado para o aspecto biológico em que dados da ONU revelam pertencentes a esses grupos pessoas com idade entre 15 e 24 anos e a outra perspectiva é sociocultural no caso trata-se do aspecto psicológico, em que trabalha com a ideia em que o indivíduo se reconhece pertencente a esse grupo por meio de ações e práticas tidas como juvenis pelos discursos que sempre procuraram estabelecer definições por meio de estereótipos que são construídos mediante alguns discursos, dos quais procuram oferecer representações que condicionam a chamar de práticas juvenis, tais como comportamentos que caracterizam como rebeldia, irreverência, alguém ligado às novas tendências de moda, música entre outros aspectos conhecidos.

Ainda segundo o referencial adotado por esta pesquisa, para se trabalhar a juventude e suas diversas formas de representação o autor Paulo Ricardo Muniz Silva (2013) se posiciona da seguinte maneira:

Na atualidade é necessário compreender a juventude como categoria social que não se deve tratar de maneira homogênea e nem ser vista apenas como uma elevação discutida etariamente, com início e fim pré-determinados em um período de vida. Podem-se observar inúmeras maneiras diferentes de se ver a condição juvenil em uma mesma sociedade, daí a necessidade de se falar em juventudes no plural [...]. (SILVA, 2013 p.14).

Com isso compreendemos que trabalhar a juventude não condiz em estabelecermos elementos simplistas e totalizantes, na qual a sociedade se sentiu na incumbência de se prender a um momento etário argumentado que é necessário para se construir e elaborar estudos estatísticos mediante pesquisas científicas que englobam muitas áreas do conhecimento. A ideia de juventude transcende um período fechado etariamente, ou seja, considerando muito mais do que uma etapa biológica estável, porém trata-se de experiências culturais e sociais em constante processo de transformação.

A respeito dos discursos criados sobre a questão do ser jovem o autor Paulo Ricardo Muniz Silva (2013) explica ainda que:

Ao longo o século XX vários foram os discursos construídos sobre a juventude, uma vez que ela tornou-se categoria largamente estudada dentro das ciências humanas e sociais, com espaços para discussões tanto acadêmicas quanto políticas, um exemplo disso são as discussões sobre as políticas públicas para a juventude, tendo a imprensa e a grande mídia lugar de destaque nessas discussões. A mídia, seja televisiva, seja escrita, nos dias atuais ou em jornais e revistas dos anos de 1970, davam grande destaque à

juventude no que toca seu comportamento, usos e costumes. (SILVA, 2013, p. 24).

Diante do exposto percebemos que a preocupação de se estudar a juventude tem sido algo recorrente no campo das ciências humanas e sociais, viabilizando espaços para discursos acadêmicos, que se propõe a analisar o *ethos* juvenil e os discursos produzidos sobre a juventude. Compreendemos também que a juventude é uma das fases mais importantes que o indivíduo vivencia, é nesse momento que ele é posto a prova em meio aos conflitos propiciados pela sociedade da qual pertence. Esses sujeitos sociais através de suas experiências particulares se utilizam de táticas na busca por sua individualidade que passa a ser alvo de constantes cobranças do seu meio, sendo visto como sucessor do mesmo. É notório que nesse momento as mudanças vão surgindo, nos diversos aspectos principalmente mediante as práticas culturais e relações sociais e assim, identidades são construídas ao longo do tempo.

Durante a elaboração da presente pesquisa, percebemos a constante procura desses sujeitos históricos em utilizarem o palco da cidade para exercerem suas sociabilidades como meio de se descobrir enquanto ser histórico, indivíduo portador de necessidades pertinentes às experiências coletivas que envolvem as relações interpessoais seja elas as de amizade, namoro, família ou qualquer outra forma que implica na condição do estar próximo ao outro.

As práticas de lazer e sociabilidade, nos espaços consumidos e exercidos pela juventude dos anos 1980, se constituíam como uma resposta a essa carência. Muitos jovens picoenses transformavam simbolicamente, por meio do consumo, os espaços públicos em espaços privados, ou seja, resignificavam as ruas e as praças como sendo a extensão de suas casas buscando deixar de lado a vida rotineira dentro do contexto dos hábitos cotidianos, com o intuito de se divertirem.

[...] a história da vida cotidiana e privada é, finalmente, a história dos pequenos prazeres, dos detalhes quase insensíveis, dos dramas abafados, do banal, do insignificante, das coisas deixadas “de lado”. Mas nesse intervalo de aparentes miudezas, reside a imensidão e a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma. (DEL PRIORE, 1997, p. 274).

Nesse sentido, compartilhamos das ideias da historiadora Mary Del Priore no sentido de escolhermos problematizar as vivências e práticas cotidianas desses sujeitos sociais da década de 1980, levando em consideração os espaços, formas de lazer e sociabilidades.

Pensando por essa perspectiva, analisamos as vivências e práticas cotidianas da juventude dos anos 1980, levando em conta os espaços, formas de lazer e sociabilidades, ou seja, buscando apontar as diversas maneiras desses sujeitos sociais se enxergarem.

Para tanto foi preciso inicialmente refletir sobre os estudos acadêmicos que norteiam o campo da temática de *lazer* dos quais revelam que ao longo do tempo sofreram transformações nos discursos e novas formas de interpretações foram ganhando espaços, como afirma a autora Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira nos oferecendo uma visão geral sobre a referida temática:

No âmbito internacional o interesse nessa temática remonta ao século XIX, através do dicionário elaborado por Maximilien Littré, que designa o lazer como um momento disponível após as ocupações, contudo, essa noção ainda era vaga, incitando questionamentos sobre o real significado do lazer em contraposição ao que seria tempo livre. (OLIVEIRA, 2011, p.29).

Estudos apontam que ao longo do tempo o lazer foi interpretado como modo de distração, entretenimento dos quais o sujeito poderia exercer de forma livre e espontânea sem maiores preocupações, durante o tempo não explorado pelo trabalho.

Todavia os discursos construídos no meio acadêmico a respeito dessa temática ainda não foram suficientemente capazes de expressar ou aplacar, em que consiste e representa esse momento tão indispensável nas práticas cotidianas do sujeito, principalmente se tratando em âmbito nacional que desde 1970 no Brasil são poucos os registros que abordam esse tema.

Para a autora Karla Íngrid de Oliveira (2011) os campos de pesquisas só dinamizaram adquirindo força no meio acadêmico quando recebeu a influência do sociólogo francês Joffre Dumazedier, no qual participava de pesquisas em solo brasileiro. A mesma afirma buscando interpretar a proposta de lazer trabalhada por Dumazedier defendendo a ideia de que se tratava de todo e qualquer momento em que os indivíduos escolhem para se desligar das obrigações cotidianas em casa no trabalho, para descansar o corpo, conversar ou apenas frequentar os espaços da cidade. Consiste, ainda, no prazer em realizar ou participar de atividades artísticas e culturais.

Em conformidade ao que foi exposto sobre o que alguns estudos revelam a respeito do lazer discutiremos, neste capítulo, os espaços da cidade frequentados por parte da juventude picoense nos anos 1980. Espaços esses vividos e “revividos”, no momento das entrevistas, apoiando-se alguns depoentes em imagens que serviram de instrumento para voltarem ao passado como bem define Ecléa Bosi (2006) a esse respeito. Fosse para se conversar, rezar, namorar ou dançar era nesses espaços que os jovens se divertiam, pois:

[...] o lazer é um campo onde os jovens desenvolvem sua sociabilidade e experienciam situações que ajudam a estruturar suas novas referências e identidades. [...] o lazer é considerado uma das dimensões mais significativas da ciência juvenil. [...] o lazer é, então, diretamente associado aos jovens, e a diversão passa a ser vista como elemento constitutivo da condição juvenil. (ABRAMO, apud OLIVEIRA, p. 31).

Nesse sentido apoiando-se nas palavras de Abramo citado por Karla Íngrid de Oliveira, que nos induz a pensar sobre os espaços de lazer, como pontos privilegiados para o entendimento das relações sociais. Partindo dessa premissa, compactuamos com a análise do autor, no momento em que, ao questionarmos os nossos sujeitos sociais sobre as vivências cidadinas da década de 1980, percebemos que em sua maioria remetiam a lembranças saudosistas, privilegiadamente, para os espaços de lazer. Portanto, com o objetivo de mapear o percurso sentimental das memórias dos nossos sujeitos, buscamos fazer um levantamento dos redutos simplórios que representavam a diversão juvenil de Picos daquela época.

2.1 A praça

A historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2007) faz uma breve análise sobre cidades nos remetendo à ideia de que não é composta apenas pela materialidade na qual está ligada a representação visível da ação humana sobre a natureza, mas vai muito, além disso. As cidades são feitas de sensibilidades em que se constituem pela interação do indivíduo com o meio, as experiências pessoais e coletivas que depois se transformam em lembranças, como também são imaginárias em que cada indivíduo idealiza para si o seu próprio mundo. Nesse sentido, entendemos que a Praça Félix Pacheco, da cidade de Picos inaugurada em 10 de janeiro do ano de 1942, na gestão do prefeito Adalberto de Moura Santos (1938-1945), constituiu-se para além de sua materialidade, como um lugar sensível e imaginário, uma vez que foi pensada e construída de forma estratégica para atender as práticas de lazer e sociabilidades dos seus cidadãos, principalmente os jovens que se sentiram atraídos por este logradouro.



Imagem 8: Praça Felix Pacheco década de 1940, ao centro instalado o coreto.

Fonte: Acervo e memória de picoense. In: https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos_stream Acesso em 15/11/2014.

É possível perceber na imagem acima os primeiros passos da estrutura da praça que tinha um formato triangular, bem arborizada em todo o seu espaço dando um aspecto de ambiente refrescante aos seus frequentadores. A referida praça nos finais dos anos 1940 já recebia iluminação a base de luz elétrica com o intuito de que seus cidadãos aproveitassem as noites de céu estrelado, embora existisse um tempo para o desligamento da energia que ocorria por volta das nove da noite.

Ainda na imagem nos utilizando de um olhar minucioso é possível mencionar a pequena estrutura do coreto⁴ da cidade instalado no centro da praça, que diferente das estruturas comuns, o coreto de Picos não apresentava uma cobertura. Erguido estrategicamente servindo de palco para que nos dias de apresentações todos pudessem ter o privilégio de contemplar as bandas musicais do município de Picos, como também era usado pelos candidatos fazendo seus discursos em épocas de eleições.

Muitos eventos ocorriam na praça ainda na gestão do prefeito Adalberto de Moura Santos, no qual se mostrava profundo admirador da música, convidou os maestros de duas bandas existentes na época para fundar a primeira banda de música na cidade de Picos, com isso buscou providenciar a construção de um coreto instalado no centro da praça com a finalidade de promover apresentações de bandas o que causou uma intensa movimentação à praça nos dias de apresentação das bandas de música que se reuniam em datas

⁴ 1. Diminutivo de coro; 2. Estrado ou palanque construído ao ar livre, para banda ou filarmônica. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/coreto>.

comemorativas, tais como sete de setembro, festas natalinas, festas religiosas e eventos promovidos pela prefeitura. Na imagem a seguir percebemos jovens e crianças aglomerados no local de apresentação das bandas e o coreto servindo de plano de fundo para registrar momentos na praça na década de 1940.



Imagem 9: Jovens na parte de baixo e crianças encima do coreto na Praça Félix Pacheco na década de 1940.

Fonte: Acervo e memória de picoense. In: https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos_stream
Acesso em 15/11/2014.

Com relação ao aspecto da praça nos anos sessenta a historiadora Karla Ingrid descreve a respeito do espaço no centro da praça nos revelando as diversas maneiras que os jovens a utilizavam:

O interior da praça contava ainda com a instalação, bem no centro, de um barzinho, conhecido como Abrigo. [...] era o local reservado para festas que aconteciam nas noites de finais de semana, onde rapazes e moças se divertiam, dançavam e namoravam ao som da sanfona, do triângulo e da zabumba que animavam as serestas. Havia ainda os dias que a apresentação era ao som dos violeiros. [...] A juventude gostava de frequentar o Abrigo e tinha o hábito de subir para o salão e ficar observando o movimento da praça era um espaço permanentemente agitado. [...] o rapaz encostava-se próximo à moça e conduzia-a de mãos dadas, em direção à parte central para ficarem mais reservados, enamorando-se. (OLIVEIRA, 2011, p.33, 35).

Com o passar do tempo a referida praça foi sofrendo um processo de transformação estrutural mediante as administrações dos gestores da cidade de Picos. Nos anos oitenta a praça continuou possuindo um formato triangular e o seu cenário revelava um jardim com a

presença de plantas rasteiras como também árvores de copas gigantescas que amenizavam as altas temperaturas sempre registradas na cidade. No centro da praça substituindo o coreto, foi instalado um prédio chamado de Abrigo, onde funcionava desde os anos sessenta, uma espécie de barzinho. O terreiro deste prédio e na parte superior eram usados pelos jovens que conseguiam obter uma visão panorâmica da praça.

O entorno da praça era formado por bares – o mais famoso teve por nome *Bar do Pipoca* – como também mercados, lanchonetes e a presença do cinema da cidade que tinha por nome *Cine Spark*. Percebemos assim que esse logradouro público em articulação aos demais lugares entre lojas e o Banco do Brasil a sua volta, ajudavam a dinamizar a cidade de Picos dando movimento a praça, bastante procurada por parte da juventude como também de famílias picoenses. Esses jovens encontravam na praça um lugar ideal para tomar sorvete, lancha, assistir algum filme e com isso acabavam sempre buscando esse local de vivências coletivas.



Imagem 10: Praça Félix Pacheco, no Centro de Picos (década de 1980).

Fonte: Acervo e memória picoense. In: https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos_stream
Acesso em 21/07/2014.

A partir da imagem acima é possível perceber que a Praça Félix Pacheco, nos anos oitenta, ainda se constituía um lugar de lazer urbano. Bastante arborizado em quase todo o seu espaço oferecendo uma temperatura mais amena para seus frequentadores. Ainda é possível identificar alguns prédios que foram espaços assíduos da juventude dos anos oitenta como é o

caso do Abrigo situado no interior da praça, prédio compacto na parte de baixo funcionava um barzinho e em cima uma espécie de salão de festas.

Essas festas também conhecidas como tertúlias eram promovidas mais nas noites de fins de semana, momentos em que rapazes e moças se divertiam, dançavam e namoravam ao som de músicas românticas internacionais que se fizeram presentes em grande parte dos repertórios musicais de jovens dos anos oitenta.

As visitas ao Abrigo eram muito recorrentes por parte da juventude, que tinha o hábito de se deslocar até a parte superior do prédio para exercer uma *flânerie* diária, como diria Walter Benjamin (1989), ou seja, observar a cidade atentamente. Nesse caso o movimento na praça, embora em dias que não havia festas nesse local, era continuamente agitado.

A praça proporcionava o ambiente favorável aos encontros de amigos e namorados onde eram motivados a experimentarem esse lugar, por meio das emoções e sentimentos. Sobre as sensibilidades vivenciadas na Praça Félix Pacheco, o senhor Valdemir de Sousa Martins⁵ nos relatou em depoimento que:

A Praça Félix Pacheco foi por muito tempo considerado o *point* da cidade, vamos dizer assim, bem maior e bem mais bonita do que a de hoje. [...] Era um espaço de lazer muito agradável todos se reuniam lá para conversar com os amigos ou namorar (risos). [...] em todo o entorno da praça tinha bares, sorveteria era um local muito procurado pela juventude da época. Os dias que mais se concentravam os jovens eram quando saíam das escolas, também nos dias de missas quando terminava todos iam pra lá porque sabia que era possível achar uma namoradinho sabe. Eu mesmo arrumei muitas por lá. (MARTINS, 2014).

Segundo o relato do senhor Valdemir de Sousa Martins a praça nos anos de 1980 era uma espécie de oásis da cidade. Um local bonito aos olhos e agradável de estar, bastante convidativo para que jovens se sentissem a vontade. Percebida ao mesmo tempo como um local de encontro para as turmas de amigos que ao saírem das escolas procuravam a praça para se reunir. Lembrando ainda que os passeios na praça eram esperados nos dias de missa, utilizada por parte desses com intenções de refúgio para sair do espaço da casa e frequentar os locais públicos. Pois sabiam que ao término das missas seria possível está vivenciando e experimentando suas práticas de sociabilidades fossem elas com intuitos de amizades ou amorosas.

⁵ Valdemir de Sousa Martins nasceu na cidade de Picos e sempre morou na referida cidade. Tem 55 anos de idade. Atualmente é comerciante na cidade de Picos. *Depoimento concedido a Priscila Moura Ribeiro*. Picos, 2014.

Em relação às formas de namoro que ocorriam na praça aconteciam mais a luz do dia quando um grande número de jovens ao saírem das escolas se dirigia quase sempre em turmas de amigos. A esse respeito o senhor Lindomar Teixeira de Moura⁶ descreve em depoimento da seguinte forma:

Os namoros rolavam muito na saída dos colégios, ali agente combinava de se encontrar na praça pra conversar depois das aulas, ai chegando na praça era um procedimento primeiro era ajeitado o namoro, né! Assim os amigos da gente se dirigia até a pretendente falando sobre quem tava com interesse na menina né! Ai depois se ela fosse convencida ai dava o direito do pretendente se aproximar ai rolava muita conversar primeiro sentado no banco [...] ai o namoro rolava com piscar de olhos se ela correspondesse ai podia pegar na mão, ai tinha um passeio na praça, agente ia mais pra o centro porque a praça tinha muitas árvores de carnaúbas outras com copas bem grandes que dava pra ficar mais a vontade pra o casal [...] também a menina tinha muito medo de ser mal vista naquela época ai era difícil no primeiro encontro sair um beijo. (MOURA, 2014).

De acordo com a narrativa do depoente acima os namoros ocorriam por meio de um processo entre o casal, em que o contato corporal, ou seja, o tão esperado beijo seria a fase final desse processo. Outra questão muito peculiar nesse período é ainda a resistência dos valores patriarcais que se mostravam presentes nos comportamentos desses sujeitos, em que o casal de enamorados buscava de alguma maneira serem discretos sem comprometer a honra da jovem.

Com isso a praça ia se consolidando como um lugar de atração da juventude no decorrer do tempo, ou seja, uma espécie de “ímã, um campo magnético que atrai e concentra os homens” como relata a urbanista Raquel Ronik (1995), que nos anos 1980 era um local muito frequentado pelos jovens. A senhora Sebastiana de Oliveira Lima⁷, assídua frequentadora desta praça nos anos 1980, nos relatou em depoimento que:

A praça ainda era muito frequentada pela juventude só que agora não era o único lugar. Ali ainda funcionava o *Cine Spark* quando terminava o filme todo mundo ficava na praça a turminha sentada nos bancos comentando a respeito do filme. [...] Nessa época a praça foi muito frequentada também porque os prefeitos promoviam muito shows de bandas famosas de graça na praça era muito bom. [...] Também ali quando agente saia da escola, era o ponto de pegar o coletivo eram onde as pessoas estavam ali vendendo sorvete, pipoca mesmo né, os lanches da época. [...] Lembro que no Natal era muito lindo a prefeitura montava o palco várias bandas se apresentavam,

⁶ Lindomar Teixeira de Moura nasceu na cidade de Picos. Tem a idade de 49 anos. Atualmente trabalha numa empresa privada de transporte de valores na cidade de Picos.

⁷ Sebastiana de Oliveira Lima nasceu na cidade de Picos. Tem a idade de 50 anos. Atualmente trabalho no setor comercial na cidade de Picos.

como também o coral da Igreja cantava era muito lindo mesmo toda a turma ficava reunida. (LIMA, 2014).

O ambiente da praça segundo relatou a depoente era o local de aconchego para a juventude, uma extensão de suas casas onde os mesmos se sentiam a vontade para estarem com os amigos conversando ou namorando, também aproveitando para degustar algum lanche que era vendido no espaço da praça e ao seu redor.

Ao mesmo tempo em que é possível identificar o caráter de amizade mediante as relações desenvolvidas, geralmente a praça era vista como um local para se reunir as turmas de amigos, principalmente nos términos das aulas, a concentração das turmas de amigos eram maiores, pois nesse local já funcionava como ponto de ônibus para se dirigirem até suas casas como também se dirigirem até outros locais atrativos como clubes que ficavam mais afastados do centro da cidade. Lembrando ainda que em dias de apresentação de algum filme os jovens formavam as turmas na praça com o intuito de comentar a respeito do que foi exibido. Até mesmos as festas intituladas “sagradas” como o Natal serviam de reduto de muitos jovens para estarem se confraternizando.

A Praça Félix Pacheco, esse espaço fragmentado da cidade, foi pensado de maneira articulada, por meio das ações realizadas pelos *agentes espaciais*. Isto é, por estar localizada no bairro Centro da cidade de Picos, recebeu a instalação de um grande número de lojas, mercados, clínicas e Bancos em sua volta, portanto, articulando pessoas que se deslocavam de outros bairros e até de outras cidades para desenvolverem práticas econômicas, de saúde, entre outras.

Nesse sentido, esse logradouro público, construído estrategicamente, se tornou um dos espaços referenciais da cidade, no decorrer do tempo. Assim, pensamos essa praça mediante o contexto dos diferentes usos da terra, ideia trabalhada pelo geógrafo Roberto Lobato Corrêa (2000), quando explica que na organização espacial de uma cidade:

[...] Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. [...] Mas o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável. (CORRÊA, 2000, p.7).

No entanto, percebemos que a Praça Félix Pacheco nos anos oitenta ainda liderava o ranque na procura por lugares de lazer da cidade de Picos, pensada estrategicamente pelos

agentes sociais segundo Lobato Corrêa (2000). Esta praça, desde sua construção nos anos 1940, abrigou e inspirou muitos casais de namorados para estarem ali, embora a cidade de Picos tenha proporcionado outros locais de lazer, à mesma continuava alegrando e encantando os corações citadinos que viveram naquele período. Contudo, mais que um lugar de lazer, a praça se revelava como um espaço propício aos picoenses estarem exercendo suas sociabilidades juvenis, se tornando um *lugar de memória*. O autor Pirre Nora (1993) – trabalha as distinções entre a memória e a história – defende a importância de uma identidade social que não deve ser esquecida dentro dos seus *lugares de memórias*, pois dentro deles existem as suas memórias coletivas e individuais em um tempo histórico. Assim, por meio das lembranças a praça se configura como esse *lugar de memória* para muitos que a vivenciaram.

2.2 A Igreja

A Igreja Católica que corresponde a Igreja Matriz da Nossa Senhora dos Remédios situada no bairro Malva, hoje Centro de Picos, nos anos 1980, ainda era muito frequentada pela juventude. Essa juventude participava das atividades pertinentes à liturgia da missa, por meio dos grupos de jovens que se reuniam semanalmente, mais precisamente nas tardes de sábados para estar discutindo sobre as tarefas que seriam distribuídas entre os integrantes na realização da Missa Dominical à noite.

Segundo informações dos depoentes a forma de envolver os jovens nas tarefas da igreja só foi possível após a aprovação do Concílio do Vaticano II que ocorreu no ano de 1962. Esse concílio recomendou que as tarefas pertinentes às atividades litúrgicas das missas não ficassem a cargo apenas dos padres, mas passassem a receber auxílio da juventude.

Isso passou a atrair muitos jovens, pois além da parte espiritual, também nessas reuniões era separado um tempo para leituras de cunho político e cultural como livros de guerrilheiros entre eles os mais lidos pertenciam a Che Guevara, como também livros de alto-ajuda na qual, a maioria eram de autoria de padres nacionais e estrangeiros.

Essas leituras serviam de apoio para a juventude trabalhar nas comunidades de base, nos quais ficavam incumbidos de pregar a respeito da Teologia da Libertação que consistia na ideia de se lutar por dias melhores. Em virtude de metade dos anos oitenta ainda vigorar a Ditadura civil-militar, alguns padres difundiram essa ideologia libertária na tentativa de despertar nos jovens o desejo de lutarem por uma vida mais justa e igualitária, que são ideias presentes na Teologia da Libertação.

Também eram muito esperados pelos jovens os encontros que ocorriam mensalmente – os chamados retiros espirituais, promovidos por coordenadores juvenis com o apoio da Igreja. Esses retiros espirituais eram realizados em locais afastados em sua maioria chácaras, sendo divididos em dois tempos, primeiramente tinha a manhã espiritual onde os jovens passavam por um processo de reavaliação social e espiritual concernentes ao seu modo de agir perante a sociedade e no segundo tempo era voltado para o lazer onde os jovens tiravam tempo para conversar com os amigos, fazer novas amizades, outros paquerarem. A senhora Maria Caitana Neta⁸ relatou em depoimento como funcionavam essas reuniões:

[...] as reuniões aconteciam na Igreja, no Salão Paroquial era semanalmente que ocorriam porque naquela época os grupos de jovens eram responsáveis pela missa no domingo, e as nossas reuniões era lá na Igreja Matriz os que faziam parte da Nossa Senhora dos Remédios. [...] tinha grupos de jovens que se reuniam lá no Colégio das Irmãs. [...] a gente ia porque éramos rebeldes era uma maneira de sair de casa, maneira da gente encontrar os amigos fora da escola e por esse motivo aí existia uma forma de fazer amizades sem ser os amigos de nossa rua. (NETA, 2014).

Apesar de ter ocorrido essa forma estratégica que a igreja utilizou no intuito de envolver a juventude nos trabalhos da igreja, ocorreu um comportamento contraditório por parte dos pais que não viam esses momentos dedicados pelos jovens às tarefas da igreja como algo produtivo. Portanto, muitos pais não apoiavam seus filhos a participarem desses encontros, devido achá-los desnecessários, uma vez que acreditavam que a educação religiosa ficava a cargo dos pais.

Na igreja os jovens participavam de corais, das leituras bíblicas, dos acolhimentos, procissões e quermesses das festas promovidas pela igreja. Assim, iam assumindo responsabilidades dentro do espaço congregacional servindo de auxiliares nas atividades religiosas.

Como podemos perceber a Igreja mostrava-se como um espaço propício para as práticas de sociabilidades. A maioria dos jovens via nesse espaço sagrado dos católicos, uma forma de sair do espaço privado de casa para estarem reunidos com os amigos e se relacionando com possíveis amizades. Nesse sentido o deslocamento até a Igreja representava para alguns jovens uma “fuga” do espaço privado da casa, como também momentos de estabelecer novas sociabilidades.

⁸ Maria Caitana Neta nasceu na cidade de Picos. Tem 56 anos de idade. Atualmente é aluna do curso de História da Universidade Federal do Piauí, Campos Senador Helvídio Nunes de Barros, como também trabalha na Secretária da Cultura na cidade de Picos. *Depoimento concedido a Priscila Moura Ribeiro*. Picos, 2014.

2.3 O Cinema

A história das salas de cinema na cidade de Picos foi marcada por uma trajetória de instabilidades que resultou no fechamento definitivo destas até os dias atuais. O primeiro cinema a funcionar na cidade foi o *Cine Odeon* construído em 1934, pelo senhor Lousinho Monteiro. Hoje no local funciona a Farmácia Iná, na qual ainda preserva a fachada original só no interior é que sofreu modificações. Já nos anos cinquenta, o prédio abrigou o segundo cinema que teve por nome *Cine Guarany* pertencente ao senhor Domerval Moreno. Já no ano de 1964, a cidade de Picos recebeu o seu terceiro cinema e último até agora, recebendo o nome de *Cine Spark*, que teve suas atividades canceladas no ano de 1989.

Em nossas pesquisas não foi possível encontrar nenhum documento que apontasse o motivo do fechamento, somente na fala dos nossos entrevistados que levantam algumas especulações a respeito do assunto. A imagem abaixo mostra o aspecto físico do cinema nos anos oitenta.



Imagem 11: *Cine Spark* na década 1980.

Fonte: Acervo particular de Manoel de Sousa Martins.

Durante as entrevistas para esta pesquisa foi possível notar que quando os depoentes recorriam as suas memórias, utilizavam a expressão “Picos é conhecida como a cidade do já

teve”. Entre essas memórias o *Cine Spark* foi de forma marcante para juventude em especial nos anos 1980, que se deslocavam a maioria de diversos bairros da cidade para apreciar os filmes, principalmente os de *bang-bang*. Durante a temporada de exibição desses filmes formava-se filas enormes despertando o imaginário dos jovens que, ao chegarem às suas casas, buscavam reproduzir as cenas do filme como também o idioma estrangeiro.

O *Cine Spark* estava localizado em frente à Praça Félix Pacheco, possuía uma estrutura razoável para acolher seus frequentadores, composto por uma tela panorâmica e cadeiras confortáveis, sendo um ambiente ventilado. Foi o mais duradouro e contribuiu para a cultura e o imaginário da juventude em especial, que se sentia atraída pelos filmes de várias temáticas como *bang-bang*, *ação* – com atores internacionais tais como Sylvester Stallone e Bruce Lee – *românticos*, os de *comédia brasileira* representada pelos Os Trapalhões, os de *suspense* e, em especial, os *religiosos*.

Os jovens prestigiavam intensamente os filmes, não havendo tempo ruim para dar uma passadinha no cinema. Até no horário de aulas se o filme era muito comentado valia a pena “fugir da escola”. Nas suas sessões havia filmes brasileiros, americanos, italianos, entre outras origens. Segundo a historiadora Karla Ingrid de Oliveira

[...] As exibições eram feitas todos os dias, no horário da noite e nos finais de semana eram duas sessões diárias, uma à tarde e a outra à noite. De acordo com Oneide Rocha, existia filmes em que as filas de entrada para o cinema chegava até a Praça Félix Pachêco, localizada do outro lado da rua. Todas as tardes o carro de propaganda anunciava pelas ruas da cidade o filme que seria exibido à noite. [...] O *Cine Spark* era um espaço onde os jovens assistiam aos filmes que naquele momento faziam sucesso no cenário mundial. Entretanto, as exibições não eram concomitantes às exibições feitas no restante do país e do mundo, pois Picos, por ser uma cidade interiorana, recebia essas informações com um considerável atraso. (OLIVEIRA, 2011, p.37-38).

Percebemos que da mesma forma que o corria com a juventude nos anos sessenta a procura do cinema, não era muito diferente com a juventude dos anos oitenta que usava também o espaço do cinema para encontro entre amigos e namoros que remetem a recordações inesquecíveis.

Ressaltamos que desde os anos sessenta (até o final da década de 1980) a maioria dos filmes exibidos nas salas de cinema picoense era de origem estrangeira, com temáticas variadas. Entretanto, houve um período que o *Cine Spark* passou a exibir filmes de conteúdo pornográfico que chamou muito atenção do público masculino. Porém, algumas pessoas passaram a não mais frequentá-lo devido aos filmes que realmente interessavam terem sido

por algum tempo deixado de lado. Em depoimento para esta pesquisa a senhora Adalícia Luzia de Oliveira Ribeiro⁹, assídua frequentadora do *Cine Spark*, comenta sobre esse momento particular do cinema de Picos.

[...] Gostava muito de ver os filmes principalmente os de faroeste porque os caras lá tudo falam inglês eu era apaixonada pela língua inglesa então quando tinha filmes assim que eu ia pra lá dai eu chegava em casa e ficava falando em inglês também do jeito deles tentando imitar eles eu perdia aula né! Ou quando diziam a aula é só isso. [...] Embora explorava o índio na época mas eu gostava, na época que começou a pornochochada como a gente chamava o sexo eu fui me afastando mais porque não me interessava. (RIBEIRO, 2014).

O cinema passou a oferecer outros filmes de conteúdo mais ousado com cenas marcantes de sexo. É interessante ressaltar que algo semelhante ocorreu com o cinema *Cine Rex* da cidade de Teresina, na década de oitenta que em virtude da chegada do aparelho de televisão ocorreu uma significativa redução dos frequentadores. Portanto, com o objetivo de atrair o público o Cine Rex passou a exibir filmes com cenas de sexo o que atraiu mais o público masculino (SANTOS, 2014, p.151).

Como a sociedade picoense ainda portava de fortes valores patriarcais o Cine Spark que antes se caracterizava por imensas filas para adentrá-lo passou a ser no final da década de 1980, ignorado por parte da juventude. Essa diminuição da frequência ao cinema também foi devido à chegada da televisão nesse período, em que eram organizadas reuniões nas casas de quem adquiria um aparelho de televisão, tanto familiares, como também vizinhos ou entre amigos para assistirem novelas, filmes e jogos. Esse tipo de lazer público foi transferido para o espaço privado, pois as pessoas passaram a se prender a novidade ficando mais tempo em casa, devido à televisão oferecer aquilo que elas iam procurar no cinema. A senhora Adalícia Luzia de Oliveira Ribeiro nos relatou em depoimento que,

[...] Quando a televisão chegou era luxo eu lembro que meu pai ele comprou, mas antes dele comprar eu ouvia falar assim na televisão. Eu lembro que uma vez, eu sai da minha casa e fui no sei pra onde e eu ouvi uma televisão ligada era mais ou menos umas três horas da tarde e eu fiquei em pé assistindo umas duas horas e nem conhecia a mulher (risos). Mas eu era tão curiosa...eu fiquei em pé vendo, era tarde de Domingo tava apresentando esses programas Chacrinha, fiquei muito tempo admirando ai a dona da casa disse: Minha filha entre pra dentro senti aqui!. Eu entrei e senti quando ficou tarde [...] Logo, logo meu pai comprou e agente né foi outro

⁹ Adalícia Luzia de Oliveira Ribeiro nasceu no povoado de Picos, conhecido como Cacimbinha. É professora aposentada tem 52 anos de idade. Atualmente trabalha de forma autônoma. *Depoimento concedido a Priscila Moura Ribeiro*. Picos, 2014.

entretenimento ai minha casa serviu de cinema, pessoal vinha mesmo dia de jogo, dia de filme enchia a casa que lotava. (RIBEIRO, 2014).

Mas mesmo com novidade da televisão o cancelamento das atividades cinematográficas do *Cine Spark*, provocou e ainda provoca grande repercussão de insatisfação no meio daqueles que vivenciaram seu espaço, contribuindo assim, para eternizar sua memória.

2.4 Os Clubes Sociais

A pequena urbe Picos crescia e junto a ela o desejo de evoluir buscando oferecer aos seus habitantes, algumas diversões além dos saraus realizados nos espaços domiciliares, das visitas de amigos e vizinhos e das festas familiares. Precisava de um local maior e mais estruturado em que pudesse abrigar um grande número de pessoas com intenções em sua maioria de estabelecer as práticas de lazer e sociabilidades. Os Clubes Sociais surgem na cidade de Picos para atender a princípio essas necessidades por um local mais amplo e equipado, um ambiente que proporcionasse reuniões de colegas íntimos ou não para estarem próximos.

Com isso a cidade foi marcando seus locais de lazer e diversões através dos clubes dos quais os mais badalados foram em primeiro momento o tradicional, Sociedade Civil Picoense Clube ou apenas “Picoense Clube” como é mais conhecido entre os cidadãos. Este clube foi fundado em 19 de julho no ano de 1954, por meio de uma sociedade entre militares civis, localiza-se na Rua Monsenhor Hipólito, tendo servido de palco para várias modalidades de festas entre elas estavam os carnavais, bailes de formatura, apresentações de artistas em grande parte das áreas musicais e bandas locais como também nacionais.

As principais bandas juvenis que marcaram história na música local picoense animando as tertúlias, como também abrindo caminho para novas formações de bandas foram: “Leões” e os “Rebeldes” que se ergueram nos anos sessenta agitando e espalhando admiração entre os jovens, que já nos anos oitenta a banda de maior repercussão local entre a juventude picoense tinha por nome MC-8 também fez muito rapaz e moça balançar o esqueleto nos dias de tertúlias.

Todavia o espaço *Picoense Clube* nos anos oitenta, só era mais procurado pela juventude em épocas de grande mobilização como os carnavais e apresentação de artistas musicais de reconhecimento nacional como Reginaldo Rossi e Luiz Gonzaga. O sistema de

funcionamento era privado, ou seja, nem todos eram permitidos adentrar as dependências do clube. As festas eram externadas apenas aos sócios e aqueles que podiam pagar.

No entanto, o *Picoense Clube* nos anos oitenta passou por uma crise econômica chegando até mesmo declarar falência por parte de alguns sócios. Isso se deu inicialmente, segundo relata o jornal da época *Voz de Picos*¹⁰, devido ao estado de abandono e decadência em que o clube se encontrava por parte da presidência que atuava na época, ou seja, João Leal que ainda continuava a frente da administração do clube, mesmo após ter terminado seu tempo de mandato. Em declaração ao mesmo jornal, João Leal se defende alegando que ainda continuava a frente da administração, pois nenhuma chapa havia se formado para disputar as eleições e afirmava que nem todos os sócios estavam cumprindo com o dever de pagar as mensalidades, com isso acabava refletindo nas más condições de infraestrutura.

Outra questão que o mesmo jornal ainda aborda sobre a crise do clube diz respeito à suposta permissão à entrada de pessoas de renda baixa entre elas se encontravam meretrizes e arruaceiros. Que de acordo com o jornal não sendo mais possível aos sócios frequentar com regularidade as dependências do clube. Isso nos permite pensar que nem todos eram bem recebidos a fazer parte da *Sociedade Civil Picoense Clube*, esse ambiente ainda se configura como lugar de lazer privado, com isso as festas eram frequentadas predominantemente por sócios e aqueles indivíduos que podiam pagar.

No entanto, a grande mobilização que ocorria entre a juventude nos anos oitenta para estarem se deslocando até as dependências do clube diz respeito às matinês de carnavais que de acordo com a depoente Sebastiana de Oliveira Lima.

[...] O *Picoense Clube* era um dos clubes que não frequentava muito, uma vez ou outra, [...] Eu ia mais era nas épocas de carnavais que duravam quatro dias e no domingo pela manhã era matinês de carnaval, os que mais agente frequentava e tem mais eu só podia ir um dia era mais os matinês mesmo, era muito bom, eu mandava fazer fantasia tive uma fantasia de bailarina era muito animado gente naquela época, a brincadeira que rolava na hora era tacar talco na cara dos outros, [...] Eu pulava carnaval mesmo era na rua. (LIMA, 2014).

Assim como o *Picoense Clube* – considerado um local de lazer e sociabilidade de caráter privado destinado a uma parcela da sociedade picoense de classe alta – existia também a AABB (*Associação Atlética Banco do Brasil*), fundada pelos funcionários do Banco do Brasil, em 03 de março de 1962. Esse clube trazia em sua estrutura mais opções de lazer

¹⁰ PICOENSE Clube, abandono e decadência. *Voz de Picos*, Picos, p.5, 11 abr. 1983.

voltadas para a prática esportiva com piscinas, quadra de vôlei e campos de futebol. Porém, era muito restrito seu acesso segundo relatou o depoente Lindomar Texeira de Moura.

[...] Eu lembro que eu tinha muita vontade de entrar na AABB, pois tinha piscina e campo de futebol mais só podia gente rica quem era funcionário do Banco sabe, pulei várias vezes o muro da AABB que na época a parede do fundo era baixa, tinha era mato e plantação de arroz [...] Eu pulava mais uns colegas para banhar na piscina foi a primeira piscina daqui depois apareceu a do BEC que era mais acessível [...] ai chegou o segurança expulsando agente e jogar bola com um pessoal que fizemos amizade lá dentro, ai teve uma vez que fomos expulsos no meio da partida pelo gerente da época, também tinha muitas festas principalmente carnaval era mais à noite ai nós pulávamos de novo só que ninguém expulsava agente porque nós se misturava. [...] Hoje eu tenho a carteirinha de sócio. [risos] (MOURA, 2014).

De acordo com o que relatou o depoente Lindomar Texeira de Moura, é possível mencionar a presença do sujeito ordinário que subverte a ordem estabelecida de caminhar (CERTEAU, 2008) no momento em que o depoente utilizou-se de táticas para ter acesso as dependências do clube.

O espaço de lazer da AABB era destinado a atender uma parcela minoritária da sociedade picoense, frequentado somente por sócios e convidados, não cabia aos demais despojar de seus espaços. Apesar disso era possível ter acesso mesmo que de formas clandestinas o que causava aborrecimento àqueles que se sentiam ofendidos ao dividirem o mesmo espaço, com a presença de pessoas que não pertenciam ao mesmo nível social.

Dessa forma a AABB com o passar do tempo não conseguia conter as invasões de pessoas não aceitas pelo clube. Esse fato culminou, a contragosto de muitos sócios, na resignificação da AABB que passou a assumir características de clube-comunidade. Isso trouxe vários transtornos e insatisfações à elite de Picos, que de maneira estratégica buscou construir um espaço de lazer cuja distância melhorasse a sociabilidade de seus integrantes.

Vinte dessas pessoas reuniram-se e instituíram o *Samabaia Campestre Clube*, cuja adesão passava por um crivo rigoroso e altamente técnico, os chamados associados patrimoniais, que desposava de um estatuto, publicado no Diário Oficial em 15 de fevereiro de 1977, localizado a quase oito quilômetros do centro de Picos, somente aqueles que tinham transporte próprio, conseguiam chegar ao local. Entre os principais eventos do clube estão os bailes de carnaval e os torneios de futebol. Outro destaque lembrado pela depoente Sebastiana de Oliveira Lima a respeito do clube é sobre o Parque Aquático, considerado pelos frequentadores o maior dentre todos existentes no município.

[...] lá era muito longe só ia mais gente rica, e pra ir a pé não dava era muito longe, [...] eu ouvia falar das piscinas de lá que eram grandes, pra não dizer que eu não fui nessa época, teve uma vez que eu fui convidada pra uma festa de formatura ai agente ficou até o dia amanhecer era muito bonito lá porque o clube ficava no alto de um morro e você tinha uma linda manhã de sol lá. (LIMA, 2014).

Como percebemos a cidade de Picos, por muito tempo, passou a agradar mais sua elite local oferecendo clubes privados, que eram em maior demanda do que seu público alvo. Porém, a mesma cresce e a necessidade por novos espaços que atendessem aos demais cidadãos cresce junto dela.

Para a alegria dos menos favorecidos economicamente que não tinham acesso livre as dependências dos espaços de lazer privados, chega o 3º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção) ao município de Picos, nos anos 1970. Com o intuito de construir estradas inicialmente, o 3º BEC também percebeu a necessidade de construir locais de lazer que atendessem aos funcionários e os jovens que vinham de toda parte da microrregião de Picos. O *Clube Cabos e Soldados* com seu amplo espaço do qual despojava de uma infraestrutura com piscinas, quadras de esportes, campos de futebol e espaços para as festas proporcionou o acesso livre a todos que desejam desfrutar de seus espaços, principalmente os jovens de classe mais baixa. Esse local se tornou reduto de muitos jovens de classe baixa para a prática de lazer e sociabilidade segundo a depoente Adalícia de Oliveira Ribeiro nos relatou sobre esse local:

[...] Mais era do povão mesmo as pessoas tinham mais acesso ao Cabos e Soldados, até porque o Cabo e Soldados vinham da população mais pobre, foi das primeiras piscinas que se colocou lá, ai as pessoas iam passar o domingo né, ter uma manhã de lazer depois também foi surgindo as tertúlias, as festas de forró, formaturas do ensino médio [...] sei que dia de festa lá era um dia de festa! Porque era uma arrumação geral! (RIBEIRO, 2014).

De acordo com as lembranças de Adalícia de Oliveira Ribeiro, percebemos que os jovens de baixa renda também tinham seus locais próprios de diversão. Nesse sentido a juventude que não detinha de alto poder aquisitivo nos anos oitenta foram contempladas com o clube *Cabos e Soldados* que oferecia lazer sem muitos custos, uma vez que se pagava apenas em dias de tertúlias. Lembrando que as mulheres eram dispensadas da taxa de contribuição. O deslocamento quase sempre era feito a pé com a turminha de amigos, que estavam presentes namorados e solteiros, ou carona.

Naquele período o transporte público realizado por meio de ônibus não conseguia atender a demanda de usuários além de que era muito precário. O jornal *Voz de Picos* veiculou matérias sobre essa realidade difícil e a insatisfação dos cidadãos que não tinha transporte próprio e dependia essencialmente do transporte público:

Após uma reunião ocorrida no sábado, dia 9, onde compareceram centenas de usuários do transporte coletivo oferecidos pela empresa Adriana e também o diretor da mesma Antônio de Júlio, ficou acertado uma série de providências visando melhorar o atendimento dos transportes coletivos em Picos.¹¹

O atendimento ao transporte público era um problema crônico, que atingia a todos que precisavam de seus serviços para estar se deslocando dentro da urbe. O que não desanimava em nada a juventude para estar se dirigindo até os locais de lazer, nos quais realizados quase sempre de forma caminhante com as turmas de amigos. Isso proporcionava um momento muito divertido, com conversas alegres, risos, brincadeiras no meio do caminho entre os grupos que se formavam, sem maiores transtornos. Essas sociabilidades tornavam o caminho mais curto e agradável, sem perceberem as longas distâncias até o local como lembra em depoimento Adalícia Ribeiro:

Geralmente o transporte era feito a pé, ou era de bicicleta, mas a turminha mesmo preferia ir a pé, era legal, nós nos reuníamos em grupos, os casais de namorados, os casais de casados, mesmo os que não tinham namorados. Então marcava um horário e todo mundo ia, chegava lá, entrava tinha o horário de vir geralmente terminava entono de 3:00hs pra 4:00hs da manhã terminava juntava a turma e voltava todo mundo de pés pra suas casas sempre animados. [...] o povo gostava muito quando os conjuntos cantavam em inglês, talvez porque fosse uma linguagem diferente que ninguém entendesse[...] então o que eu posso dizer que em dias de tertúlias todo mundo torcia quando tinha uma música lenta, pra dançar a dois né, sentindo a respiração do outro, muito legal mesmo.(RIBEIRO, 2014).

A partir desse pequeno fragmento da memória, percebemos que os dias de tertúlias¹² que aconteciam no clube *Cabos e Soldados* eram esperados ansiosamente pelos frequentadores, devido a grande mobilização que ocorria até porque, sabia-se que a diversão estava garantida. As bandas que se apresentavam em dias de tertúlias e shows, em sua maioria eram regionais e interpretavam vários gêneros da música nacional e internacional. Porém, as músicas que faziam grande sucesso entre os jovens eram as lentas e internacionais, pois

¹¹ MELHORES Coletivos. *Voz de Picos*, Picos, p.8, 31 mar. 1983.

¹² Tertúlias era o nome dado às festas juvenis de curta duração.

permitiam aos casais estarem dançando corpo a corpo proporcionando o contato físico. A dança, além de lazer, aparecia como momento oportuno do contato mais íntimo entre os enamorados e pretendentes.

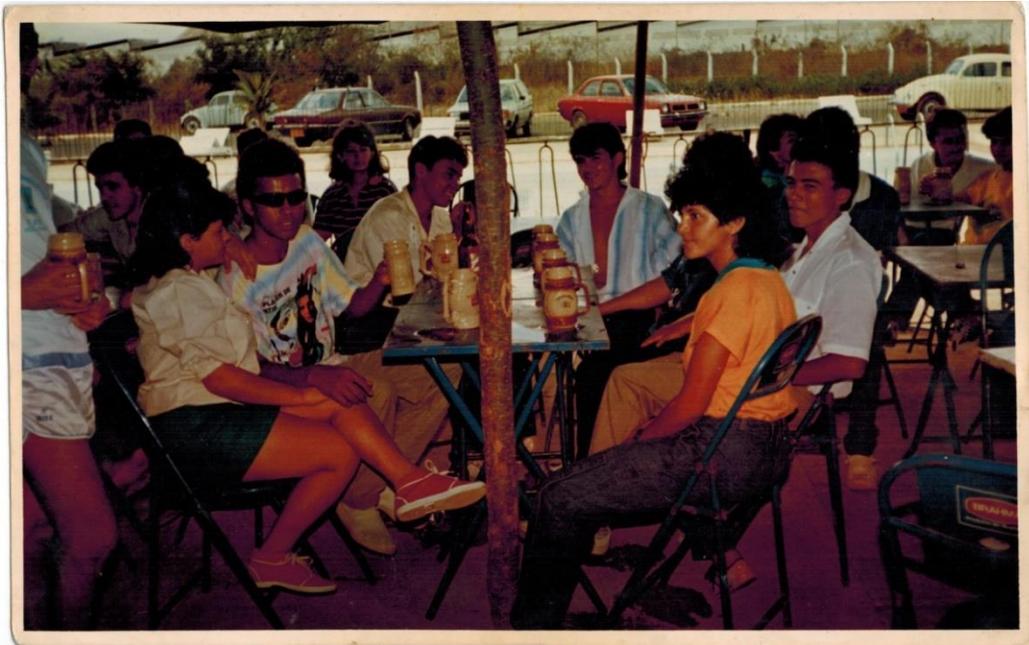


Imagem 12: Jovens no momento de socialização no ano de 1988 nas dependências do clube *Cabos e Soldados* em dias de tertúlias.

Fonte: Acervo Particular de Sebastiana de Oliveira Lima.

Desse modo de acordo com a imagem acima é possível perceber um aglomerado de jovens, homens e mulheres participando de um festival de shop, que ocorria no espaço interno do clube, bem acomodados nas mesas e cadeiras de ferro muito comuns na época, que atualmente foram substituídas pelas mesas e cadeiras de plásticos. Momento significativo para muitos, pois estavam acompanhados por amigos e parceiros, nos quais contribuíam para tornar esses momentos inesquecíveis nas suas memórias.

Também são perceptíveis na mesma imagem os modelos de carros populares como o Fusca e o Chevette. Em se tratando de modelo é possível perceber ainda o contexto da moda reproduzida pelos jovens nos anos oitenta. Os homens despojavam do corte de cabelo no estilo “punk” com topete. As mulheres com seus cabelos curtos e volumosos inspirados na cantora de axé Sarajane, às roupas com cós da calça bem alto e shorts além do uso de blusões folgados representavam a moda feminina da época.

Todavia não foram somente as tertúlias que eram almejadas. As festas de formatura do Ensino Médio promoviam uma grande mobilização, pois eram realizadas com músicas,

comidas e bandas esperadas não só por parte dos jovens, mas também pela família e pelo corpo docente. Vale lembrar que nesse período não havia Ensino Superior acessível a todos, então terminar o Ensino Médio representava muito para os formandos e pais.



Imagem 13: Baile de Formatura do Ensino Médio promovido pela Unidade Escolar Miguel Lidião, no clube Cabos e Soldados ano de 1985. Na foto destaca-se o momento da entrega do diploma, pelo padrinho da formanda, logo atrás a banda MC-8 se apresentando.

Fonte: Acervo particular Sebastiana de Oliveira Lima.

Percebemos que a sociedade desfavorecida economicamente também desfrutava de locais que pudessem ser realizadas suas festas. Essas festas de formatura do Ensino Médio eram bem agitadas com direito a convidados, banda e momentos de honra descritos na imagem na hora da entrega do diploma. Logo após era aberto um espaço no centro do salão para a dança oficial – a valsa, momento almejado por muitos dos formandos. Tendo em vista que nesse período o estudo ainda era privilégio de poucos. O que tornava esse momento significativo para muitos que conseguiam atingir esse mérito. Assim, esses momentos considerados ímpares se transformaram em fragmentos fortes de lembranças para esses sujeitos.

2.5 Boates

Outro lugar bastante procurado pela juventude eram as boates. Esses locais que surgiram na cidade picoense, com muita euforia, pois proporcionavam aos frequentadores estarem em um ambiente mais ousado, diferente daqueles dos quais estavam habituados. Os ambientes em sua maioria eram escuros, com jogos de luzes que encantavam e despertavam a curiosidade desses locais dando ar de mistério ao ambiente.

A juventude se sentia atraída por esses locais, devido ser novidade na época. Assim, segundo depoimentos de quem viveu esse período, todos queriam saber como procedia às festas, levando muitos que não conheciam a imaginar diversas situações que poderiam ser aqueles locais.

Do mesmo modo que despertava o imaginário dos jovens, também o da sociedade em geral, que nem sabia o que ocorria nesses lugares, mas já tinha convicção, preconceituosa de que era um local que promovia promiscuidade, sexo e droga. Nesse sentido, muitas famílias não permitiam que seus filhos, principalmente as mulheres, frequentassem esses ambientes, pois eram visto como sendo de conduta duvidosa.

Foram poucas as boates registradas nesse período. Porém, teve uma que se fez imortal para seus frequentadores, *O Sarava*. Essa boate estava localizada no bairro Catavento em Picos, num local considerado escondido, teve muita repercussão, devido ter proporcionado o ambiente escuro que muitos chamavam *a luz negra*, em que permitia aos casais de namorados ficarem mais a vontade. Quem não se preocupava em ser visto preferia vestir roupas brancas, em razão do jogo de luzes darem um fosforescente ao traje. As músicas de aspecto agitado, tocadas por discos muitos deles influenciados pela novela de grande sucesso na época *Dancin Days*, buscando com que seus frequentadores dançassem ao som de músicas bem agitadas. Sobre esse ambiente novo de lazer para parte da juventude picoense a depoente Adalícia Ribeiro nos relatou o seguinte:

Assim a boate Sarava era vista pelos pais como um lugar de prostituição, então poucos pais sabiam que seus filhos frequentavam a boate, se sabiam não sabiam como era o ambiente lá, era escuro como a gente chamava luz negra, pisca-pisca uma novidade muito grande que atraía as pessoas. [...] tinha seus compartimentos divididos então você ficava a sós com o namora e amigos frequentava, tinha a pista de dança, então era muito frequentada pela novidade. Mas até agora eu acredito que minha mãe não sabe o que foi O Sarava. [risos] Até os estudantes que estudavam fora antigamente a sociedade mais alta enviava seus filhos principalmente homens para estudar fora, retornavam na época das férias ai agente queria ver, ai ia todo mundo

pra lá, como agente chamava ver os “brotos” né, e agente queria tirar um “sarrinho” chamava “sarra” mesmo. (RIBEIRO, 2014).

A partir desse fragmento da memória de Adalícia Luíza de Oliveira Ribeiro, podemos observar que ainda o espaço feminino era monitorado pelos pais, com o intuito de preservar que suas filhas tivessem algum tipo de conduta reprovável pela sociedade que ainda emanava fortes traços da sociedade patriarcal.

O Sarava, rodeado por seus mistérios foi um local bastante apreciado e convidativo a juventude, porém por ter adquirido a conotação de promiscuidade com tempo passou a ser frequentado mais pelos homens. No entanto, trouxe muita repercussão na época até mesmo para quem vinha de fora a conhecer seu local. As férias eram as épocas mais cobiçadas pelas jovens, pois tinham interesses em ver os rapazes que chegavam à cidade.

2.6 Projeto Rondon

Como a cidade era carente por espaços de lazer e sociabilidades que atendessem os jovens de baixa renda que se encontravam, grande parte em estado de dispersão pelas ruas da cidade de Picos, surge o Projeto Rondon com o objetivo de abrigar e envolver essa parcela da juventude.

Implantado pela Universidade Federal de Goiás, era movido pelo intuito de levar assistência médico-dentária, jurídica e assistência social. Recebia apoio entidades como Prefeitura Municipal de Picos, 3º BEC e Diocese de Picos. Funcionando no Campus Avançado inaugurado em julho de 1977, hoje funciona a Universidade Estadual do Piauí, seus funcionários eram estudantes do Goiás, cuja a graduação estava próxima, que atuavam nas mais diversas áreas.

Havia também alunos como professores da cidade de Picos, que se integravam ao grupo de voluntários com objetivo de auxiliar nas tarefas desenvolvidas pelo projeto Rondon. Com isso esses colaboradores que estavam coligados ao projeto tinham a função inicial de fazer a intermediação entre a população em sua maioria alunos de classe baixa e os “forasteiros” no caso os estudantes universitários do Goiás. A depoente Adalícia Ribeiro que foi frequentadora assídua do projeto fala um pouco sobre as atividades desenvolvidas:

Eram trabalhadas várias modalidades de coisa vamos dizer assim, trabalhava esporte, artes cênicas, pintura várias coisas... então todo o finalzinho de tarde a turma tava lá reunida pra jogar bola, vôlei, pra tá conversando, foi um local

muito frequentado pela juventude de Picos principalmente na área de esportes e lazer foi muito bom. (RIBEIRO, 2014).

Segundo a narrativa da depoente percebemos que o Projeto Rondon disponibilizava de uma estrutura bem equipada com recursos voltados para área de esportes e conhecimentos em geral, recebia o apoio das escolas públicas para estarem propagando o projeto e enviando alunos. Como também recebia apoio do CSU (Centro Social Urbano) que cedia seu espaço físico ao projeto Rondon. Tendo em vista que o espaço onde funcionava o Campus Avançado não disponibilizava de amplas dimensões físicas que pudessem promover modalidades de esportes como o futebol. Assim, muitos jogos de futebol idealizados pelo projeto Rondon eram transferidos para as dependências do Centro Social Urbano.



Imagem 14: Time de futebol nas dependências do Centro Social Urbano, década de 1980. No canto esquerdo o coordenador da modalidade esportiva do Projeto Rondon conhecido como Dandan e sua turma de alunos.

Fonte: Acervo particular de Adalécia Luzia Moura Ribeiro.

O Campus Avançado do Projeto Rondon em Picos também serviu de abrigo e refúgio a essa parcela da juventude picoense, viabilizando oportunidades de conhecimento em diversas modalidades de ensino, e que ao mesmo tempo, servia como uma opção a mais de lazer e sociabilidade.

2.7 Os Carnavais de Rua

O carnaval é considerado uma das festas mais animadas e populares do mundo, aguardado ansiosamente pelos seus praticantes. Nesse sentido a cidade de Picos tem suas marcas carnavalescas registradas nas suas ruas por onde passaram várias escolas de samba e foliões que apreciavam os batuques e seus enredos.

Em virtude do carnaval que antes eram festejados em clubes mais privados, na década 1980, foi transferido para as ruas da urbe dando lugar a outras formas de representação do carnaval, como os blocos de rua e escolas de samba. Em depoimento sobre os carnavais de rua a senhora Sebastiana de Oliveira nos relatou o seguinte:

[...] Eu gostava mesmo era de pular carnaval na rua, era muito bom tinha o momento que as escolas de samba passavam na avenida principal da cidade, a Getúlio Vargas, todo mundo se concentrava lá né, ai eu achava muito bonito né, ver aquele povo todo fantasiado as mulheres algumas só de biquíni todo enfeitado eu via achava bonito mais dizia comigo que eu não tinha coragem não né, sai daquele jeito todo mundo me olhando [risos] (LIMA, 2014).

Segundo a narrativa acima os carnavais de ruas promovidos em sua maioria pelas escolas de samba provocavam grande mobilização da sociedade picoense, que se sentia atraída pelos batuques produzidos através dos sons de tambores, bumbos e pandeiros e as fantasias alegóricas quase sempre intrigantes, pois alguns se sentiam a vontade para desfilarem com trajes mais ousados.

Nesse sentido o carnaval de rua da cidade de Picos era representado pelos blocos de rua, e pelas escolas de samba. Segundo o *Jornal de Picos*¹³, as escolas de samba se apresentavam nas ruas da cidade sendo que o grande destaque era a escola de samba *Iang da Portela*. Esta escola de samba marcou com louvor sua história nas ruas da cidade de Picos. A mesma ainda nos anos oitenta era considerada escola de samba modelo, na qual guarda um traço cultural muito forte, levando diversão e alegria pelas ruas da cidade.

Segue abaixo ainda de acordo com o mesmo jornal as Escolas de Samba que atuaram nos carnavais de rua na década de 1980.

¹³ ESCOLAS preparam-se para o carnaval. *Jornal de Picos*, Picos, p.7, 12 de fev. 1983

Tabela 01: Escolas de samba que atuaram nos carnavais de rua, década 1980.

Nome da escola	Presidente	Ano de fundação	Nº de vitórias
Cadetes do Samba	Valdemar José da Silva	Fevereiro de 1966	2- Vitórias
Academia do Samba 13 de Maio	Mestre João	Fevereiro de 1976	2- Vitórias
Iang da Portela	Luís Geraldino de Carvalho	Janeiro de 1981	3- Vitórias
Verde e Amarelo	Maria da Conceição Silva de Sousa	Dezembro de 1985	1- Vitória
Unidos da Malva	Marlene Santos Guimarães	Novembro de 1987	1- Vitória

Fonte: Jornal de Picos, Picos, p.7, 12 de fev. 1983.

Fundada em 1981, pelo mestre Luís Geraldino, a escola de samba *Iang da Portela* (durante seus quatorze anos de existência, 1981-1994), teve seu momento de glória nos anos 1980, sendo três vezes campeã. Ela chegou a receber o título de *escola de samba modelo* devido seu desempenho refletidos nas fantasias, bem apresentáveis que roubavam admiração de todos que iam assisti-la, como também foi a que mais registrou números de participantes para desfilar, contribuindo assim para a história do carnaval de rua de Picos.



Imagem15: A Escola de Samba Iang da Portela recebendo o troféu de tricampeã em 1987.

Fonte: Acervo Particular de Luís Geraldino de Carvalho.

A trajetória da escola de Samba Iang da Portela, desde sua fundação até a decadência, foi marcada por momentos de desfiles glamorosos que se apresentavam inicialmente na Praça Félix Pacheco usando como tapete as ruas da cidade, principalmente a Avenida Getúlio Vargas onde se apresentavam oficialmente para o público esperado. Nesse sentido a escola foi ganhando prestígio, com os prêmios já conquistados, como o de melhor passista, bem como as escolhas dos temas bem sugestivos de cunho nacional e internacional com o intuito de

enriquecer o lado cultural das pessoas. Segundo relatou em depoimento seu fundador Luís Geraldino Carvalho¹⁴:

Cada escola de samba tinha o seu tema [...] Em tudo que passava o carnaval procurava pesquisar qual seria o próximo tema, era uns dois meses de ensaios antes do carnaval as escolhas dos temas né, eram feitas de forma que retratassem a cultura nacional ou artistas que se destacavam internacionalmente. Por exemplo, se era falando sobre o índio ou a vida de lampião, se era homenagear as personalidades artísticas nacionais como Roberto Carlos ou de fora Charles Chaplin, Michael Jackson, ai foram os temas que agente utilizou sempre buscando inovar trazer algo de diferente né, para as ruas. (CARVALHO, 2014).

A Escola Iang da Portela, segundo o depoente Luís Geraldino Carvalho, se preparava com tempos de antecedência, buscando apresentar um bom carnaval de rua com temas de cunho nacional e internacional. Além de que esse preparo era seguido das intenções de prêmios, nas quais as disputas se davam de maneira bastante acirrada, todas as escolas sempre objetivando roubar a cena de todos em especial às dos jurados que avaliariam todos os requisitos básicos exigidos no momento do desfile.



Imagem 16: Apresentação da Escola de Samba Iang da Portela, homenagem a Charles Chaplin ano de 1988.
Fonte: Acervo particular Luís Geraldino Carvalho.

Segundo a imagem acima é possível perceber a grande mobilização que ocorria nas ruas de Picos por parte de alguns cidadãos, na grande maioria o público era formado por jovens e crianças atraídos pelas apresentações das escolas em especial a *Iang da Portela*.

¹⁴Luís Geraldino Carvalho nasceu na cidade de Picos. Tem 58 anos de idade. Atuou nos carnavais de rua na cidade de Picos nas décadas de oitenta até os fins da década de noventa na cidade de Picos, a frente da Escola Iang da Portela. Atualmente trabalha na construção civil na cidade de Picos.



Imagem 17: Desfile da escola de Samba Iang da Portela homenageando o índio ano de 1989.
Fonte: Acervo particular Luís Geraldino Carvalho.



Imagem 18: Escola Iang da Portela no desfile pelas ruas de Picos, ao som de batusques e apresentações de passistas ano de 1983.
Fonte : Acervo particular Luís Geraldino de Carvalho.

Cabe aqui ainda ressaltar que os integrantes da escola de samba Iang da Portela tinham como seus alvos os jovens de classe baixa, nos quais se escreviam voluntariamente para participar dos desfiles, os mesmos vinham de todas as localidades de Picos. Por ser uma

escola que atendia pessoas de renda baixa dependia exclusivamente das verbas que a Prefeitura de Picos cedia em épocas dos desfiles carnavalescos, às escolas oficialmente registradas em cartório. Somente por meio dessa contribuição era que seria possível está realizando as fantasias alegóricas, como toda parte ornamental dos carros que se faziam sempre presentes na linha de frente na hora do desfile anunciando que a Iang da Portela estava passando.

Geralmente a minha escola de samba era composta pelas pessoas de baixa renda tipo os “favelados” era só esse pessoal mesmo ai dependíamos exclusivamente da verba da prefeitura porque esse pessoal não tinha condições de contribuir com as fantasia e nada.[...] Tinha ano que tanta gente procura a escola mas como a verba não dava tinha que fazer os cortes, com muita tristeza agente fazia o pessoal gostava mesmo né, mas era preciso porque senão num ia ter como cobrir os gastos do desfile. (CARVALHO, 2014).

Ao que percebemos, segundo a declaração acima do senhor Luís Geraldino Carvalho, mesmo com a melhor das intenções que a escola disponibilizava para estar reunindo o máximo número de integrantes, em certos momentos era necessário realizar seleções, pois a prefeitura não contribuía a mais do que aquilo que era estipulado para as despesas. No entanto, apesar da falta de recursos a escola sempre buscou driblar as adversidades oferecendo o melhor carnaval de rua para os cidadãos.

Era muito divertido mesmo, os ensaios aconteciam no meio da rua enchia de gente ensaiando porque nós não tínhamos uma quadra da escola mesmo. Nos dias de confeccionar as roupas era lá em casa mesmo o maior sufoco pra confeccionar as confecções [...] e os carros eram arrumados no dia do desfile também no meio da rua, agente acordava bem cedinho pra poder montar tudo, soldar tudo.[...] Eu lembro que antes do desfile oficial agente sai convidando todo mundo do bairro e comparecia em peso lá na avenida pra torcer por gente, na hora da apuração dos votos, era aquela rivalidade danada, as escolas e seus integrantes querendo sempre parecer melhor que a outra, tinha gente que brigava na hora da apuração dos votos eu mesmo era um [risos]. A cidade em peso ia assistir todo tipo de pessoal né, famílias inteiras iam assistir, a juventude era muito envolvida nesse trabalho, era muito bom mesmo. (CARVALHO, 2014).

Nesse sentido dentre os fragmentos da memória revelados por Luís Geraldino Carvalho, vale destacar a forma como a rua, um espaço público era apropriado para as atividades da escola que se apresentava nas ruas de Picos, desde os momentos dos ensaios anunciando que o carnaval estava se aproximando. Os ensaios eram conduzidos aos sons de batuques exercidos por aqueles que mais se destacavam na tarefa, ao mesmo tempo em que, o

samba era produzido e representado por seus passistas, no qual por meio da dança manifestavam e distribuíam alegria que contagiava e dava vida ao carnaval de rua.

Outro ponto relevante que deve ser comentado era forma com que a escola convidava a população circulando pelas ruas da cidade, para estarem apoiando a mesma na hora do resultado oficial, reunindo moradores da localidade proporcionando momento de socialização. Ao mesmo tempo em que, os ensaios também serviam como momento de socialização por se realizarem nas ruas acabava por também reunir moradores envolvendo todos em uma só festa de alegria e diversão.



Imagem 19: Iang da Portela homenageando Lampião, na foto Luís Geraldino Carvalho fundador da mesma ano de 1985.

Fonte: Acervo particular de Luís Geraldino Carvalho.

A escola ainda foi campeã no desfile de 1994, tendo encerrado suas atividades no ano de 1999, época na qual se apresentou oficialmente no último desfile se despedindo das ruas da cidade. Segundo relatou em depoimento o fundador dessa escola de samba, Luís Geraldino Carvalho, o encerramento das atividades foi devido ao cancelamento das subvenções cedida pela Prefeitura de Picos, que tinha por prefeito Zé Néri (1997-2000). Esse prefeito justificou o fim dessas subvenções alegando que a cidade necessitava de suprir outros problemas mais urgentes, como o saneamento básico. Com isso as escolas de samba começaram a desaparecer por falta de apoio financeiro, isso casou insatisfações para os amantes da cultura popular, que

tentaram contestar, mas não conseguiram grandes êxitos. Mais uma vez o senhor Luís Geraldino Carvalho relatou em tom de desabafo que,

Porque é que hoje nós não temos mais o carnaval de rua? Foi porque em noventa e nove, o prefeito da época Zé Néri, disse que a cidade tava passando por problemas graves de estrutura né, e precisava fazer uns cortes de gastos para resolver esses problemas né, aí foi o que ele disse. [...] as escolas de samba que dependiam da verba foram se acabando aos poucos até as mais antiga não conseguiram se manter [...] ainda tentamos entrar com recursos mais num deu em nada até acabar de vez. (CARVAHO, 2014).

Nesse sentido mesmo com todo o empenho das escolas de se manterem na ativa, não foi possível para a *Iang da Portela* como as demais escolas, pois não tiveram condições de se manterem e cobrirem os gastos necessários para os desfiles carnavalescos. Porém, mesmo deixando de existir, a escola *Iang da Portela* em especial contribuiu para a memória dos carnavais de rua da cidade de Picos, que roubavam a cena, com suas encenações por meio da folia que se configuravam uma espécie de “teatro ao ar livre” fazendo das ruas da cidade seu palco de apresentação deixando marcas nas lembranças de moradores e integrantes que presenciaram esses momentos de folia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo problematizar através dos lugares de memórias as práticas cotidianas juvenis nos anos oitenta, ao evidenciarmos as várias maneiras de constituição das representações dos locais sociais de parcela da juventude na cidade de Picos. Vale ressaltar que o lazer foi pensado como o momento em que eram realizadas atividades que proporcionavam prazer, no momento em que o sujeito se sente a vontade para estar reproduzindo ações que lhes provocam satisfação para o corpo, tais como namorar, conversar, dançar, flertar.

Ao mesmo tempo em que foi possível conhecer parte da história dos lugares de lazer e sociabilidade na cidade de Picos recorrendo a teóricos como Michel de Certeau que concebe a ideia de lugar como algo condicionado a ação de ser praticado, ou seja, vivenciado pelo indivíduo. Ao mesmo tempo buscamos associar essa teoria com demais autores que trabalham a temática de cidades para analisar os lugares de lazer oferecidos pela urbe e as relações desenvolvidas por parte da juventude que se dirigia até esses locais com intenções de consumi-los e ressignificá-los.

Utilizamos como uma das fontes principais de pesquisa a *memória* dos partícipes que vivenciaram sua juventude na cidade de Picos durante os anos oitenta. Observamos assim, que a *memória* é um processo vivido, conduzidos por grupos vivos, portanto, em evolução permanente e suscetível a todas as manipulações além de está atrelada ao cotidiano de uma sociedade, por meio das experiências, sensibilidades e sentimentos (NORA, 1993).

Outro recurso metodológico que se fez importante foi o cruzamento dos depoimentos com fontes iconográficas nas quais as “[...] fotografias e, sobretudo as de cidades, são dotadas de um valor documental...” (PESAVENTO, 2007, p. 22). Nesse sentido, as imagens podem ser usadas como documentos históricos dos quais podemos extrair determinado conteúdo em busca de uma aproximação maior possível do objeto estudado e que desejamos representar através da imagem.

Portanto, por meio das análises das fontes aqui apresentas percebemos as práticas urbanas de lazer juvenil, articuladas com a cidade de Picos nos anos oitenta, possuindo seus aspectos particulares, construídos e caracterizados ao longo do tempo através das relações cotidianas entre seus partícipes.

FONTES E REFERÊNCIAS

a) Fontes Orais

ALHO, Zé do (DANTAS, José de Aquino). *Depoimento concedido à Priscila Moura Ribeiro*. Picos, 2014.

CARVALHO, Luís Geraldino. *Depoimento concedido à Priscila Moura Ribeiro*. Picos, 2014.

LIMA, Sebastiana de Oliveira. *Depoimento concedido à Priscila Moura Ribeiro*. Picos, 2014.

MARTINS, Valdemir de Sousa. *Depoimento concedido à Priscila Moura Ribeiro*. Picos, 2014.

MOURA, Lindomar Texeira de Moura. *Depoimento concedido à Priscila Moura Ribeiro*. Picos, 2014.

NETA, Maria Caitana. *Depoimento concedido à Priscila Moura Ribeiro*. Picos, 2014.

RIBEIRO, Adalícia Luzia de Oliveira. *Depoimento concedido à Priscila Moura Ribeiro*. Picos, 2014.

b) Fontes Hemerográficas

ESCOLAS preparam-se para o carnaval. *Jornal de Picos*, Picos, p.7, 12 fev. 1989.

MELHORES coletivos. *Voz de Picos*, Picos, p. 8, 31 mar. 1983.

PICOENSE Clube abandono e decadência. *Voz de Picos*, p. 5, 11 Abr. 1983.

c) Livros

ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. **Picos nas anotações de Ozildo Albano**. Picos, 2011.

AUGÉ, Marc. O lugar antropológico. In: **Não lugares: introdução a uma antropologia da surpermodernidade**. -9. -ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.p.72.

BERMAN, Marshall. Na floresta dos símbolos: algumas notas sobre o Modernismo em Nova York. In: **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura na modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire, um lírico no auge do Capitalismo. In: **Obras escolhidas**. – vol.III – São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de Velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo;Ática,2000.

DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e de Vida Privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p.274.

DUARTE, Renato. **Picos**: os verdes anos cinquenta. 2. ed.rev. ampl. Recife: Gráfica Ed. Nordeste, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: procedimentos e possibilidades. São Paulo: Humanitas /FELCH/USO, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: dez. 1993.

ROLNIK, Raquel. Definindo a cidade. In: **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Educação e sociedade picoense**: 1850-1930. Teresina: EDUFPI, 2005.

d) Capítulos de Livros, Artigos e Revistas

CERTEAU, Michel de ; Caminhadas pela cidade. In: **A invenção do cotidiano**: 1. Arte de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. O bairro. / Os fantasmas da cidade. / Espaços privados. In: **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 37-45; 189-207.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. Espaços de Sociabilidade de uma cidade verde nos anos 1980. In: SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.). **As cidades de Clio**: abordagens históricas sobre o urbano. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 149-156.

SILVA, Samara Mendes de Araújo. Da fazenda para a cidade: traços da cultura material e imaterial sertaneja nas casas piauienses em fins do século XX. In: SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.). **As Cidades de Clio**: abordagens históricas sobre o urbano.

Teresina: EDUFPI, 2014. p. 189-210.

Anos Rebeldes. *Revista Foco*. Folha de Picos. Picos, ed. 1, 2009.

e) Monografias e Teses

FAÇANHA, Antônio Cardoso. *A Evolução Urbana de Teresina: agentes, processos e formas espaciais da cidade*: Recife, 1998. 235p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. p.43.

OLIVEIRA, Karla Íngrid de. **A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960**. Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História. Picos, Universidade Federal do Piauí, 2011.

PIMENTEL, Lídia Valeska Bomfim. **Praça José de Alencar**. Pedacos da cidade, palco da vida. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Fortaleza, 1998. 135f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará.

SILVA, Paulo Ricardo Muniz. **Cajuína e Coca-Cola: identidades e estéticas juvenis em Teresina na década de 1970 e 1980**. Programa e Pós-Graduação (Mestrado em História). Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí. Teresina: 2013

f) Sites

Acervo e memória picoense. Disponível em: <https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense?ref=ts&fref=ts>. Acesso em 21 de julho de 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE: Histórico e dados geográficos. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=220800&search=piauipicos|infograficos:-historico>. Acesso em 14 de julho de 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico: 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Histórico da Cidade de Picos: 2010.

Picos – Piauí | A Capital do Mel no SSC. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1214309>. Acesso em 21 de julho de 2014.

Picos, Piauí e o seu dinamismo em plena Caatinga. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1504409>. Acesso em 22 de julho de 2014.

GOMES, Christianne L.; MELO, Victor A. Lazer no Brasil: trajetórias de estudos, possibilidades de pesquisa. *Revista Movimento*. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2661/1294> Acesso em 15 dez. 2014.

GOMES, Cristina Marques. Dumazedier e os estudos de lazer no Brasil: breve trajetória histórica. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/dcefs/Prof._Adalberto_Santos/1-dumazedier_e_os_estudos_do_lazer_no_brasil- breve trajetória historica 12.pdf Acesso em 15 dez. 2014.

LAZER, Scielo. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n99/a14v2899.pdf> Acesso em 15 de dez 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, v.27, n. 53 de Julho de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 10 de Junho de 2014.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 Monografia
 () Artigo

Eu, Priscila Moura Ribeiro,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
juventude e lugares de sociabilidades na
cidade de Picos (década de 1980).
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 09 de fevereiro de 20 15.

Priscila Moura Ribeiro
 Assinatura

Priscila Moura Ribeiro
 Assinatura